



4

ISAÍAS A DANIEL

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Ross E. Price
C. Paul Gray
J. Kenneth Grider
Roy E. Swim

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

ISAÍAS A DANIEL

4



O Livro de
DANIEL

Roy E. Swim

Introdução

O livro de Daniel é conhecido como “O Apocalipse do Antigo Testamento”. A palavra *apocalipse* significa um desvendamento, uma manifestação de coisas ocultas, uma revelação de mistérios divinos.¹

O livro de Daniel e o livro de Apocalipse têm muito em comum, embora em certos aspectos importantes eles sejam diferentes. As crises dramáticas, o choque de forças em uma escala cósmica e a ênfase acerca do fim dos tempos aparecem nos dois livros. Muitas das imagens simbólicas de Daniel estão refletidas no livro de Apocalipse. Os animais com chifres em Daniel, representando poderes terrenos, encontram seu correlativo nos animais do Apocalipse. Nos dois livros encontramos uma visão do Glorioso cuja presença impressiona o espectador. Em ambos os livros lemos a respeito de tronos e do trono em que está assentado o ancião de dias. Ambos retratam o clímax da história, quando os reinos dos homens se submetem ao reino triunfante e eterno de Deus.

Daniel e Apocalipse não são os únicos a tratar de aspectos apocalípticos. Uma série de outros livros, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, contém seções conhecidas como apocalípticas. Isaías 24—27 tem sido chamado de “Apocalipse de Isaías”. Zacarias contém elementos apocalípticos distintos, como as visões dos símbolos místicos de cavalos e carruagens, de castiçais e de pergaminhos que voam. A prefiguração do Messias, como Sacerdote e Rei, é deduzida dos dois “ungidos”, Josué e Zorobabel. E o julgamento final das nações descrito em Zacarias 14 é mais claramente apocalíptico.

No Novo Testamento, cada um dos três Evangelhos Sinóticos contém seções apocalípticas. Essas são encontradas em Mateus 24.1—25.46, Marcos 13.1-37 e Lucas 21.5-36. A seção em Marcos tem sido chamada “O Pequeno Apocalipse”. Um apocalipse paulino é encontrado em 2 Tessalonicenses 1.7—2.12. Cada uma dessas seções claramente reflete elementos encontrados no livro de Daniel.

A literatura apocalíptica tem uma série de características distintas, ilustradas no livro de Daniel. Em primeiro lugar, existe o elemento de mistério manifestado por meio de visões e símbolos singulares. Também há o elemento da revelação. O aspecto apocalíptico está relacionado primariamente com o futuro e com a consumação do plano de Deus. Diferentemente da função da profecia, que proclama a palavra de Deus mais imediata dentro do contexto histórico, o apocalipse ultrapassa a história. Ele descreve acontecimentos do fim dos tempos por meio de cataclismos e julgamentos. O apocalipse revela o propósito final de Deus que se cumpre por meio de uma manifestação divina que rompe a ordem histórica. Mais importante de tudo, o elemento messiânico aparece claramente no apocalipse.

O livro de Daniel tornou-se durante o período intertestamentário, e por mais de um século na era cristã, um modelo e estímulo para um impressionante número de escritos apocalípticos. Nenhum desses escritos foi aceito no cânon das Escrituras, porque deixam de apresentar as marcas essenciais de inspiração que Daniel possui. Mas esses escritos revelam o anelo e a esperança do povo de Deus em tempos de intensa prova.²

A. LUGAR NO CÂNON

O lugar de Daniel nas Escrituras do Antigo Testamento nunca foi seriamente contestado. Entre os judeus, bem como entre os cristãos ao longo dos séculos, esse livro tem sido altamente estimado. Ele contém as marcas da inspiração divina e as qualidades superiores requeridas dos escritos reconhecidos como Escrituras. Esse livro traz a mensagem de Deus e claramente apresenta a revelação de Deus sobre a vida e a história. Ele traz inculcada a qualidade do eterno e do imutável.

Na Bíblia Hebraica, Daniel não aparece entre os Profetas (*Nebhiim*), mas entre os Escritos (*Kethubhiim*). Alguns têm se queixado de que isso foi feito para diminuir a autoridade de Daniel devido ao testemunho claro que o livro dá acerca do Messias. Mas esse motivo não parece plausível em vista do lugar de autoridade que o livro recebe no cânon sagrado. Se, de fato, havia o intento sério de diminuir a autoridade de Daniel, ele teria ficado fora do cânon. Pusey explica que Daniel, na verdade, não era técnica nem profissionalmente um profeta, mas um estadista. Ele não possuía o ofício profético. Por isso ele não constava entre os profetas nas Escrituras hebraicas.³ Mas Daniel cumpriu a função profética. Por isso, seu livro está no cânon das Escrituras Sagradas e sua mensagem é reconhecida nas próprias Escrituras como profecia. Young segue uma linha de raciocínio parecida, respeitando a posição de Daniel nas Escrituras hebraicas.⁴

B. Autoria

Ao longo dos séculos, tanto entre os judeus quanto entre os cristãos, o livro tem sido tradicionalmente atribuído a Daniel. Em diversas seções importantes o texto é atribuído diretamente a Daniel. A primeira pessoa do singular: “Eu, Daniel”, é usada repetidas vezes. O capítulo 7 começa da seguinte forma: “teve Daniel, na sua cama, um sonho e visões da sua cabeça; escreveu logo o sonho e relatou a suma das coisas” (Dn 7.1).

Mas nos últimos cento e cinquenta anos a autoria do livro de Daniel tem se tornado um grande campo de batalha. Tornou-se um hábito atribuir o livro a um autor desconhecido que viveu na época de Antíoco Epifânio, 175-169 a.C. De acordo com essa posição supõe-se que o livro de Daniel é uma alegoria escrita parcialmente em códigos para encorajar e inspirar os judeus que estavam sofrendo debaixo da tirania e perseguições de Antíoco. As histórias do livro, portanto, não deveriam ser entendidas de forma literal, mas simbolicamente. O livro, portanto, deveria figurar na categoria de pseudepígrafes (escritos posteriores que adotavam nomes de grandes homens do passado), devido a algumas semelhanças com essa categoria.

Para aqueles que entendem existir uma inspiração divina e, portanto, sobrenatural, não há motivo justificável para rejeitar a fé cristã tradicional acerca da integridade do livro de Daniel. Procurar possíveis motivos para uma outra autoria do livro que leva o seu nome é injustificável. Se levarmos em conta todos os questionamentos que foram levantados contra a sua autoria, concluímos que é necessário mais do que credulidade. É necessário fé. Essa fé busca aquietar-se e ouvir o que Deus tem a nos dizer em nossos dias acerca do firme propósito que Ele estabeleceu para o presente e nas eras futuras.

Daniel não está sozinho e indefeso na Bíblia. Sem dúvida, a referência mais impressionante e de maior autoridade é sobre Daniel 9.27. Jesus faz referência a esse texto na sua mensagem apocalíptica: “Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel...” (Mt 24.15; também cf. Mc 13.14). Jesus parece claramente dar o seu endosso para a legitimidade de Daniel como profeta e para a veracidade da sua mensagem.

Referências relacionadas por dedução à profecia de Daniel são também bastante numerosas nos ensinamentos de Jesus, particularmente em seu uso da expressão “Filho do homem”. Em Mateus 24.30, lemos: “verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória”. Essas palavras parecem ecoar o que lemos em Daniel 7.13-14: “Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem [...] E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino” (cf. Mt 16.27-28).

Quando Paulo escreve sobre o “homem do pecado, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou se adora” (2 Ts 2.3-4), ele está se referindo claramente a Daniel 11.36: “e se levantará, e se engrandecerá sobre todo deus; e contra o Deus dos deuses falará coisas incríveis”.

Referências de Daniel refletidas no livro de Apocalipse são suficientemente numerosas para justificar a inferência de que a autoridade desse livro do Novo Testamento sustenta a integridade do seu correlato do Antigo Testamento.

É interessante notar que os integrantes da comunidade de Qumrã, que produziram os manuscritos bíblicos mais antigos conhecidos atualmente, tinham um interesse especial pelo livro de Daniel. Com base nos fragmentos recuperados das suas cavernas fica claro que possuíam inúmeras cópias desse livro. Devido aos tempos turbulentos em que viviam, logo após o reinado de Antíoco até a destruição de Jerusalém em 71 d.C., eles tinham um profundo interesse na esperança apocalíptica.⁵

C. O AMBIENTE HISTÓRICO

O próprio livro de Daniel descreve de maneira precisa o ambiente histórico e a época quando foi escrito. O cerco e a invasão que levou Daniel e seus companheiros príncipes ao exílio ocorreu no terceiro ano de Jeoaquim. Isso aconteceu nos primeiros dias da ascensão do império babilônico. Nabopolassar tinha se livrado do jugo da Assíria e, junto com seu filho, Nabucodonosor, estava subjugando todos os países do Oriente Próximo, além do Egito. Judá também caiu debaixo do poder da Babilônia. Desde 606 a.C., o ano do exílio de Daniel, até 536 a.C., o ano da queda da Babilônia diante de Ciro, da Pérsia, o reino babilônico ascendeu e entrou em decadência. Grande parte desse período foi ocupada pelo reinado do poderoso Nabucodonosor (606 até 561 a.C.). Nesse período, e no início do período persa, Daniel viveu e serviu. É provável que ele tenha ultrapassado a idade de noventa anos.

O período da vida e de serviço de Daniel coincidiu com uma época de muita turbulência internacional. A Assíria, que havia assolado as terras do Oriente Médio durante séculos, foi banida para sempre pelas forças conjuntas dos seus antigos súditos, os babilônios, os medos e os citas. O Egito, que por mil anos havia procurado controlar não somente a África mas as terras do Mediterrâneo oriental, foi reduzido à sujeição. A Babilônia ascendeu de forma meteórica. Sob o comando de Nabucodonosor, um líder militar, organizador

político e construtor cívico, a terra dos caldeus assumiu uma posição de poder, prosperidade e liderança mundial muito além do que se tinha conhecido até então.

Mas, enquanto os antigos impérios estavam desaparecendo e um novo império escrevia sua breve mas brilhante história, o próprio povo de Daniel, o povo da promessa, estava passando por uma noite escura de provação. Exilados e longe da terra da promessa, servos em uma terra pagã, eles penduravam suas harpas nos salgueiros e aguardavam pelo romper do dia.

Embora o livro de Daniel apresente uma perspectiva mundial em suas implicações e que alcança o fim dos tempos, seu foco principal está nas terras do Oriente Médio e do Mediterrâneo. O livro não menciona os reinos e civilizações que precederam a época de Daniel. Ele não tem nada a dizer acerca de civilizações e da ascensão e queda de dinastias do Extremo Oriente, da China e da Índia. Seu foco principal é a terra onde o drama da redenção deveria ser representado com seu evento-alvo, a vinda do Messias e a consumação do seu Reino.

D. MENSAGEM DO LIVRO

O livro de Daniel é o desvendar de um mistério. E, se por um lado desvenda o mistério, por outro, o envolve em surpresa e admiração, deixando grande parte do mistério da revelação em aberto.

Daniel era um homem de extraordinária sabedoria e percepção. Vivendo no meio de grandes e repentinas mudanças mundiais, ele foi capaz de manter seu equilíbrio e sanidade, observando o que estava acontecendo com um olhar atento. Ele serviu a reis. Ele foi um valoroso conselheiro de governantes. Porém, mais importante de tudo, ele tinha um relacionamento íntimo com o Deus dos céus. Ele estava com os seus pés firmemente plantados na terra, entre os acontecimentos terrenos. Mas, a sua cabeça ficava numa atmosfera mais clara; ele vivia diante da realidade de coisas eternas.

Algumas verdades tornam-se claras na mensagem de Daniel, revelando o plano de Deus para a Terra e seus habitantes. *Em primeiro lugar*, poderes terrenos e circunstâncias são temporários. As tiranias mais poderosas ficam no poder durante um curto período. *Em segundo lugar*, Deus faz com que a ira do homem acabe se transformando em louvor a Ele e faz com que todo o resto seja impedido. Tanto Nabucodonosor, o déspota enfurecido, quanto Ciro, o soberano sábio e cordial, testificaram dessa verdade. *Em terceiro lugar*, Deus mantém as suas promessas para o seu povo; Ele não esquece. *Em quarto lugar*, Deus tem seu próprio tempo para realizar a sua obra. Ele nunca se adianta nem se atrasa. *Em quinto lugar*, os reinos desse mundo são designados para dar lugar ao reino do nosso Senhor e do seu Cristo. *Em sexto lugar*, embora Deus tenha uma visão eterna e cósmica, Ele tem um interesse amoroso em relação aos afazeres mais insignificantes de um indivíduo.

O livro de Daniel foi um livro para Daniel e para o atribulado povo remanescente de Deus dos seus dias. Esse também é um livro para todas as gerações, designado para manter a história em perspectiva. O livro continua sendo relevante para os nossos dias. Certamente, estamos mais próximos do tempo da consumação do Reino de Deus do que qualquer povo que viveu antes de nós. Em dias de profunda escuridão e conflitos cruciais, vamos extrair esperança e coragem da mensagem transmitida a Daniel.

Esboço

I. A HISTÓRIA DO EXÍLIO DE DANIEL, 1.1-21

(UMA SEÇÃO HEBRAICA)

- A. Prelúdio Histórico, 1.1-2
- B. Jovens Provados, 1.3-16
- C. Integridade Vindicada, 1.17-21

II. O APOCALIPSE CALDEU, 2.1—7.28

(UMA MENSAGEM PARA AS NAÇÕES EM ARAMAICO)

- A. O Sonho de Nabucodonosor, 2.1-49
- B. A Estátua Colossal de Nabucodonosor, 3.1-30
- C. O Julgamento Pessoal de Nabucodonosor, 4.1-37
- D. A Queda do Império Caldeu, 5.1-31
- E. O Reinado de Dario, o Medo, 6.1-28
- F. Impérios Ascendem e Mingam até a Consumação, 7.1-28

III. O APOCALIPSE HEBRAICO, 8.1—12.13

(UMA MENSAGEM PARA O POVO ESCOLHIDO, EM HEBRAICO)

- A. A Visão de Daniel de Impérios em Guerra, 8.1-27
- B. A Intercessão de Daniel por Israel, 9.1-27
- C. Uma Visão celestial de Conflitos Terrenos, 10.1—12.13

SEÇÃO I

A HISTÓRIA DO EXÍLIO DE DANIEL
(UMA SEÇÃO HEBRAICA)

Daniel 1.1-21

A. PRELÚDIO HISTÓRICO, 1.1-2

O livro de Daniel é introduzido por um ambiente histórico claramente focado. Interessantemente, essa breve seção está na língua hebraica, enquanto que a parte seguinte do livro (2.4—7.28) encontra-se na língua aramaica ou na língua dos caldeus. Depois, a seção final do livro volta a ser em hebraico. Intérpretes têm diferido em relação aos motivos desse aspecto incomum. A explicação mais plausível para isso é que essa seção e a parte final do livro foram escritas na língua dos judeus, referindo-se especialmente ao povo de Deus no exílio. A parte escrita na língua dos caldeus refere-se às nações gentias, tendo a Babilônia como alvo imediato. As duas línguas eram comuns nos tempos de Daniel e ambas eram entendidas pelo povo do exílio e dos séculos subsequentes. O uso dessas duas línguas semelhantes ajudava a manter em relação estreita o ambiente histórico do livro e sua relevância ao povo a quem foi escrito.

O livro de Daniel registra: **No ano terceiro do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, a Jerusalém e a sitiou** (1; veja Quadro A). Isso seria menos do que três anos após Neco ter indicado Jeoaquim como rei. Os destinos políticos estavam mudando rapidamente.

Enquanto Nabopolassar era, na verdade, o monarca do novo reino da Babilônia, seu vigoroso filho, Nabucodonosor, era seu herdeiro reconhecido e co-regente com ele. Nabucodonosor acabara de ajuntar seu despojo e os reféns quando uma chamada emergencial veio da Babilônia. Seu pai havia falecido e ele precisava se apressar para ocupar o trono.

Dessa forma, Daniel e seus três companheiros, com outros jovens príncipes da corte de Judá, foram levados para uma terra estranha a 800 quilômetros de casa. E junto com eles vieram alguns tesouros sagrados **da Casa de Deus** (2) em Jerusalém para adornar o Templo de Bel na Babilônia. **Sinar** era a principal planície da Babilônia.

B. JOVENS PROVADOS, 1.3-16

1. A Política do Rei (1.3-5)

Acumulando vitórias e orgulhoso com o seu recente poder, o jovem soberano do novo reino da Babilônia agia com astúcia para consolidar o seu reino. De que forma melhor ele podia fortalecer sua autoridade do que escolher os príncipes mais dotados dos seus recém-conquistados territórios e treiná-los para a liderança política? Não temos nenhuma notícia acerca dos outros príncipes de Judá. Todos foram escolhidos devido ao seu talento e bela aparência. Eles receberam o melhor treinamento que a corte babilônica poderia oferecer. Esses eram jovens **da linhagem real, e dos nobres** (3) [...] **em quem não houvesse defeito algum, formosos de aparência, e instruídos em toda a sabedoria, e sábios em ciência, e entendidos no conhecimento, e que tivessem habilidade para viver no palácio do rei** (4).

O programa de educação requeria que **fossem ensinados nas letras e na língua dos caldeus**, num curso intensivo de treinamento de três anos. Seu bem-estar físico incluía o melhor que o reino podia oferecer, ou seja, as iguarias da mesa imperial.

2. Jovens de Caráter (1.6-16)

Os quatro heróis do livro de Daniel se sobressaíram entre todos os vencedores do rigoroso exame. Esses que pertenciam aos **filhos de Judá** tinham a reputação de serem da linhagem de Davi. Eles eram **Daniel, Hananias, Misael e Azarias** (6).

Esses quatro jovens de Judá, por intermédio dos seus nomes, testemunhavam do único e verdadeiro Deus. Quaisquer que tivessem sido as limitações do seu ambiente religioso em Judá, seus pais lhes deram nomes que serviam de testemunho ao Deus que serviam. **Daniel** significava: “Deus é meu juiz”; **Hananias** significava: “O Senhor tem sido gracioso ou bondoso”; **Misael** significava: “Ele é alguém que vem de Deus” e **Azarias** declarava: “O Senhor é meu Ajudador”. A continuação da história claramente indica que, embora outros pais em Judá pudessem ter falhado em relação à educação dos seus filhos, os pais desses meninos tinham dado a eles uma base sólida em relação às convicções e responsabilidades dignas do significado dos seus nomes. Seu treinamento piedoso havia cultivado profundas raízes de caráter.

Em consideração ao rei e seus deuses pagãos, o chefe dos eunucos designou novos nomes aos quatro jovens. **Beltessazar** (7) significava “o tesouro (ou segredos) de Bel”. **Sadraque** significava “a inspiração do sol”. **Mesaque** sugeria: “aquele que pertence à deusa *Sesaque*”. E **Abede-Nego** significava “servo de Nego (a estrela da manhã)”. A pouca importância que esses jovens deram aos seus novos nomes pode ser vista nas narrativas que se seguem.

Com convicção inabalável, ousadia santa e cortesia refinada, Daniel e seus companheiros revelaram seus dons extraordinários de sabedoria e caráter. A decisão de não

comer das iguarias do rei era muito mais do que uma questão de conveniência ou saúde. Isso estava relacionado com a integridade dos seus votos de consagração como hebreus ao Deus de Israel. O significado cerimonial do alimento, puro ou impuro, significava tudo para descendentes profundamente comprometidos de Abraão. Ingerir alimentos dedicados a deuses pagãos da Babilônia constituiria uma ruptura de fé com Jeová. Eles não vêem outra saída senão arriscar o perigo da recusa. Mas eles devem fazer isso de maneira afável e atenciosa com aqueles que são responsáveis em cumprir as ordens do rei.

Quando o **chefe dos eunucos** (8, 10) recusou o pedido, uma sugestão sensata dada ao **despenseiro** (11), encarregado direto dos jovens, tirou a pressão do oficial superior e abriu caminho para uma solução. O período de prova de **dez dias** (12) era justo e suficiente para prover uma demonstração adequada do bom senso higiênico do pedido e dar oportunidade a Deus para vindicar seus jovens servos. **Legumes** significa, literalmente, “sementes”, mas incluía vegetais em geral.

C. INTEGRIDADE VINDICADA, 1.17-21

Não está claro se o exame final dos seus estudos previsto para o fim de três anos foi concluído ou se o tempo foi encurtado. O resultado da prova foi uma clara vindicação na presença do rei da autodisciplina e do esforço diligente seguido pelos **quatro jovens** (17). E o próprio **rei falou com eles** (19). Não sabemos quanto o rei sabia acerca do compromisso religioso deles. Mas Daniel e seus companheiros estavam plenamente convencidos de que Deus os havia sustentado em todas as suas decisões e esforços. Podemos estar certos de que esse fato da fidelidade de Deus serviu para ratificar suas convicções e sua coragem. A designação deles para lugares de proeminência e responsabilidade era um reconhecimento óbvio do seu conhecimento e capacidade superior. **Por isso, permaneceram diante do rei** (19). Acerca de **magos e astrólogos** (20), veja comentários em 2.2.

A afirmação de que **Daniel esteve até ao primeiro ano do rei Ciro** (21; 539 a.C.) claramente não tem a intenção de limitar o período da sua vida, mas de mostrar sua extensão geral. Em 10.1 somos informados de que Daniel continuava vivo no terceiro ano de Ciro.

SEÇÃO II

O APOCALIPSE CALDEU (UMA MENSAGEM PARA AS NAÇÕES EM ARAMAICO)

Daniel 2.1—7.28

A. O SONHO DE NABUCODONOSOR, 2.1-49

1. *Sonhos Assombrosos Impossíveis de Lembrar* (2.1-3)

Os três primeiros versículos dessa seção continuam a narrativa em hebraico. Após as palavras: **E os caldeus disseram ao rei em siríaco** (4) começa a seção em aramaico que continua até o final do capítulo 7.

A maior parte dos expositores evangélicos identifica esse capítulo e seu correlato, o capítulo 7, como os textos-chave do livro. Aqui vemos o Deus dos céus revelando a um rei pagão o plano divino ao longo das épocas e estágios da história até a consumação no Reino de Deus.

Nabucodonosor (1) era ainda bastante jovem e acabara de herdar o trono. O poder que estava em suas mãos estava crescendo rapidamente. Além disso, por meio de um programa criativo e ousado de construção de cidades em seu próprio país ele estava conquistando a confiança dos líderes religiosos e da população que apoiavam entusiasticamente a sua liderança.

Nessa fase da sua carreira, o rei mostrou uma qualidade marcante de grandeza. Em vez de seguir em um frenesi crescente de realizações, ele buscou acalmar-se para poder pensar acerca do significado da sua própria vida e do poder que estava em suas mãos. Qual seria o seu destino? E qual seria o destino do império que havia ajudado tão recentemente a fundar? Enquanto ponderava, começou a sonhar. Embora seus sonhos fossem confusos, serviram para provocar pensamentos e perguntas ainda mais profundos acerca do destino e significado da vida. **O seu espírito se perturbou, e passou-se-lhe o seu sono** (1). Deus estava por trás desses questionamentos e sonhos.

Esse assunto se tornou tão urgente para Nabucodonosor que tomou medidas extremas para resolver seus problemas. Seus próprios esforços intelectuais não eram suficientes para responder às suas perguntas. Ele chamou os eruditos e especialistas em ciência, filosofia e religião para uma consulta. A função especial de cada um dos quatro grupos mencionados não está inteiramente clara. Mas parece que **os magos** (2) eram peritos nas artes ocultas, **os astrólogos** deveriam ter acesso ao conhecimento sobrenatural por meio do estudo dos céus, **os encantadores** eram manipuladores de poderes sobrenaturais por meio da feitiçaria, e **os caldeus** eram os líderes de uma casta sacerdotal na sociedade babilônica.

Surge naturalmente uma pergunta: Por que Nabucodonosor não incluiu Daniel e seus amigos em sua primeira convocação? É bem provável que esses recém-chegados ainda não houvessem conquistado um lugar reconhecido entre os conselheiros sábios e profissionais. Além disso, esses hebreus, apesar de serem altamente dotados, não haviam sido aceitos na casta sacerdotal.

2. As Exigências Impossíveis do Déspota (2.4-13)

O rei apresentou a esses homens sábios o problema da sua profunda preocupação acerca do sonho que o havia acordado e fizera seus pensamentos fluir em uma correnteza inquietante. Os representantes sacerdotais, **os caldeus** (4), tornaram-se os porta-vozes para o restante do grupo e pediram uma descrição mais exata do problema. Eles pediram detalhes específicos do sonho antes de aventurar uma interpretação. Esse pedido irritou o rei. Ele os acusou de falar **até que se mude o tempo** (9), i.e., simplesmente protelando para conseguir mais tempo. Se a habilidade sobrenatural deles era genuína, eles deveriam garantir sua interpretação ao contar-lhe o sonho. Isso, obviamente, tirou a máscara da sua hipocrisia, porque não tinham meios de contar-lhe o sonho.

Visto que o rei tinha tornado isso uma questão de vida ou morte para todos os sábios, eles começaram desesperadamente a procurar uma forma de sobrevivência. Quando descobriram que nem mesmo o rei poderia ajudá-los porque havia esquecido seu sonho, eles perceberam como a sua situação era desesperadora. Postos contra a parede, eles foram impelidos à verdade. **Porquanto a coisa que o rei requer é difícil, e ninguém há que a possa declarar diante do rei, senão os deuses, cuja morada não é com a carne** (11).

Keil¹ insiste em que o rei, na verdade, não tinha esquecido o sonho, mas estava determinado a testar a veracidade das habilidades desses denominados sábios. Se eles pudessem relatar os detalhes do seu sonho, ele estaria certo de que a interpretação deles teria validade. Mas se eles não tinham a habilidade nem mesmo de descrever o sonho, a professa habilidade sobrenatural deles era uma farsa e o castigo horrendo com que o rei os havia ameaçado seria o seu justo destino. Quer o sonho tenha sido esquecido, quer não, a situação dos sábios havia se tornado desesperadora.

O castigo decretado por Nabucodonosor era bastante comum entre os babilônios (veja 3.29). A despedaçamento de cativos de guerra havia sido praticado até pelos hebreus (1 Sm 15.33) como uma manifestação de julgamento extremo. Nabucodonosor acrescentou a esse horror o confisco de propriedade e a profanação das casas das vítimas, tornando-as **um monturo** (5), i.e., depósitos de lixo públicos.

3. Deus Concede a Daniel a Interpretação (2.14-23)

Embora Daniel e seus companheiros tivessem escapado da convocação do rei, não escaparam da inclusão no decreto de **matar os sábios** (14). Eles também estavam entre aqueles que seriam executados. Quando Daniel ficou sabendo da natureza do decreto e do motivo da sua severidade, imediatamente se dirigiu ao rei. O fato de ter esse tipo de acesso testemunha a alta posição que havia herdado nos exames ocorridos tão recentemente (1.19-20). Na presença de Nabucodonosor, Daniel corajosamente prometeu que daria **a interpretação** (16), se **lhe desse tempo**. O rei, antes tão furioso com as manipulações desesperadas dos sábios, estava evidentemente impressionado com a sinceridade, firmeza e confiança de Daniel.

A própria ação de Daniel foi coerente com o homem de Deus que era. Ele chamou seus três companheiros para juntos com ele passar um tempo em oração intercessora fervorosa. A resposta a essa oração não demorou a chegar. Quando Daniel recebeu o sonho em uma visão noturna, ele irrompeu em um hino de louvor exultante a Deus.

*Louvado seja o nome de Deus para todo o sempre;
a sabedoria e o poder a ele pertencem.
Ele muda as épocas e as estações;
destrona reis e os estabelece.
Dá sabedoria aos sábios
e conhecimento aos que sabem discernir.
Revela coisas profundas e ocultas;
conhece o que jaz nas trevas,
e a luz habita com ele (20-22, NVI).*

4. A Apresentação de Daniel ao Rei (2.24-30)

A confiança de Daniel em Deus e na resposta que havia recebido era completa: **da-rei ao rei a interpretação** (24). A visão que Deus tinha lhe dado era idêntica à do rei, porque o mesmo Deus tinha concedido as duas visões. Sendo assim, ele nem precisou inquirir o rei para testá-la.

A alegria de Arioque em ver que Daniel estava pronto para dar a resposta ao rei ficou evidente em suas ações: **Arioque depressa introduziu Daniel na presença do rei** (25). Quando o incrédulo rei perguntou se Daniel poderia cumprir sua difícil exigência, ele se deparou com um homem que estava firmado sobre um fundamento mais sólido do que o solo da Babilônia. Daniel humildemente declarou que sua fonte de conhecimento era uma revelação do **Deus nos céus, o qual revela os segredos** (28). Ele negou qualquer revelação própria. Além disso, essa revelação particular foi dirigida de Deus para o próprio rei, para que soubesse os pensamentos do seu próprio coração e **o que há de ser no fim dos dias**.

5. A Interpretação de Daniel (2.31-45)

Tu, ó rei, estavas vendo, e eis aqui uma grande estátua; essa estátua, que era grande, e cujo esplendor era excelente, estava em pé diante de ti; e a sua vista era terrível (31; “sua aparência era amedrontadora”, RSV). Essa visão imensa e deslumbrante havia deixado o rei perplexo e confuso. Embora fosse apenas uma única

imagem, ela era um composto. Ela começava com **ouro** brilhante na **cabeça** (32) e gradualmente deteriorava em qualidade com o **peito** e os **braços de prata**, o **ventre** e as **coxas de cobre**, as **pernas de ferro** (33), e os **pés** com uma mistura de **ferro** e **barro** quebradiço. Então foi cortada **uma pedra** (“uma pedra soltou-se”, NVI) sem auxílio evidente de uma **mão** (34). Quando a pedra **esmiuçou a imagem** na sua base, toda estrutura ruiu e ela foi reduzida a pó **como a pragana** (35) e levado pelo **vento**. **A pedra** se transformou em **um grande monte**.

Daniel instantaneamente identificou o rei com a imagem que havia visto. **Tu, ó rei, és rei de reis, pois o Deus dos céus te tem dado o reino, e o poder, e a força, e a majestade** (37). E Daniel acrescentou especificamente: **tu és a cabeça de ouro** (38).

Não é difícil imaginar o espanto e a alegria que esse rei deve ter sentido ao ouvir essa revelação marcante. Nabucodonosor ouviu em detalhes o sonho do qual vagamente se lembrava. Isso trouxe uma garantia acerca da verdade da mensagem sobrenatural para Nabucodonosor. Enquanto ouvia, Nabucodonosor percebeu que ele era o primeiro de uma sucessão de impérios. Todos esses impérios tinham um alvo na história — a dissolução debaixo do triunfo e domínio do Reino do Deus dos céus, que nunca será destruído. O reino de Deus **esmiuçará e consumirá todos esses reinos e será estabelecido para sempre** (44).

Então Daniel reiterou o propósito do sonho ao rei e lembrou-lhe que vinha de Deus. **O Deus grande fez saber ao rei o que há de ser depois disso** (45). Os questionamentos mais profundos do rei haviam sido respondidos. O significado do destino para ele e para todos os governantes terrenos era que a mão de Deus está sobre o curso da história. O alvo final não é o governo do homem em esplendor crescente mas o governo de Deus sobre as ruínas da loucura do homem.

Embora os intérpretes não tenham chegado a um consenso na identificação dos cinco reinos do sonho de Nabucodonosor, a tradição e a interpretação evangélica tem concordado quase que unanimemente. O primeiro reino (38) é expresso de forma clara; a **cabeça de ouro** é o Império Babilônico. O quinto (44) também está claro; trata-se do Reino de Deus. O segundo (39a) é geralmente reconhecido como o Império Medo-Persa. O terceiro (39b) e o quarto (40) têm recebido interpretações divergentes, principalmente entre aqueles que entendem que o quarto reino representa o governo grego ou o governo que sucedeu Alexandre. Isso concentraria as últimas mensagens do livro de Daniel no reino de Antíoco Epifânio. Mas, para a maioria, desde os dias de Jerônimo, o terceiro reino tem sido identificado como o reino da Grécia, fundado por Alexandre e o quarto como o reino de Roma. O versículo 43 reflete as fraquezas de casamentos mistos ou o rápido declínio da sociedade no colapso do quarto reino (Berkeley, nota de rodapé). Visto que a imagem do sonho de Nabucodonosor e a visão de Daniel no capítulo são obviamente paralelas, a interpretação do sonho deve ser restringida pelo conteúdo da visão.

6. A Exaltação de Daniel (2.46-49)

A reação de Nabucodonosor diante da notável revelação foi impressionante. Como pagão, ele reagiu da única maneira conhecida por ele. Nabucodonosor caiu em adoração diante de Daniel, que ele acreditava ser uma manifestação personificada do sobrenatural. Ele ordenou que fosse feita uma **oferta de manjares** (46) e de **incenso**. Então ele louvou o Deus de Daniel, o **Deus dos deuses, e o SENHOR dos reis, e o revelador dos**

segredos (47). Para mostrar sua gratidão de maneira prática ele deu muitos presentes a Daniel e o colocou como **governador de toda a província de Babilônia** (48). A pedido de Daniel, seus três companheiros receberam importantes cargos políticos. **Mas Daniel estava às portas do rei.**

B. A ESTATUA COLOSSAL DE NABUCODONOSOR, 3.1-30

1. *Um Auto-endeusamento do Imperador* (3.1-7)

J. A. Seiss faz uma defesa vigorosa de Nabucodonosor e de seu intento. Ele argumenta que o conceito audacioso da grande imagem era resultado direto do sonho do rei. Ele próprio não tinha caído em adoração diante do homem que transmitiu a mensagem do Deus dos céus?

Agora todo o seu reino se curvaria diante dessa maravilhosa idéia revelada a ele. Em sua mente pagã confusa esse era um tributo maravilhoso ao Deus de Daniel e seus amigos hebreus. Isso tornaria a recusa deles (em se curvar diante da estátua) ainda mais irracional e irascível.

Diante da luz da revelação clara e completa e dos princípios divinos que Nabucodonosor não tinha, fica evidente que ele cometeu um grande equívoco que não pode ser justificado ou desculpado de acordo com os padrões bíblicos. Mas o erro estava no método e não nos motivos. Era o erro da educação defeituosa, não da intenção. Ele honestamente queria reconhecer e glorificar o Deus dos céus que tinha se comunicado com ele de forma tão marcante. Ele desejava que o seu império, por meio de todos os seus representantes reunidos, reconhecesse que Deus era a cópia tangível da imagem dada a ele em sonho. A profundidade da sua natureza religiosa, das suas experiências e convicções se intensificaram no sentido de fazer obedecer ao que ele havia arranjado e ordenado de maneira tão devota e honesta".²

Mas é provável que esse esforço em defender o rei pagão da Babilônia não cubra todos os pontos. Não parece provável que Nabucodonosor tenha erigido uma imagem a um dos antigos deuses da Babilônia, visto que a terra estava cheia de deidades e templos competindo entre si. É possível, no entanto, que esse sonho tivesse marcado profundamente o rei, em relação ao seu lugar no mundo e na história. Afinal, não era ele a cabeça de ouro? Não era ele o primeiro e maior de todos os reis da terra? Não é difícil imaginar a crescente vaidade desse déspota oriental, cuja mente pagã falhou em sondar o verdadeiro significado das percepções espirituais que Deus havia tentado compartilhar com ele. Essa estátua de dois metros e sessenta de largura e vinte e sete metros de altura, que se elevava acima do **campo de Dura** (1), sendo visível a quilômetros de distância, proclamava a todos o esplendor do homem que a havia projetado e a glória do rei que ela simbolizava. O **campo de Dura** certamente ficava próximo de Babilônia, mas sua localização exata é desconhecida.

Qualquer que tenha sido o motivo de Nabucodonosor, o decreto que convocava todos os líderes políticos do reino, grandes e pequenos (3), não deixava dúvida quanto à exigência do rei. Instantaneamente, após o sinal combinado de antemão æ o som da orquestra imperial (5), cada homem deveria prostrar-se em adoração diante da imagem.

2. *Conspiração Contra os Hebreus* (3.8-18)

Não deveria nos surpreender que os três hebreus, recentemente promovidos a cargos de liderança política, despertassem uma certa inveja entre os outros funcionários públicos. A ausência de Daniel da convocação pode ser explicada pelo fato de estar cumprindo alguma tarefa especial para o rei. **Alguns homens caldeus** (8), não a casta sacerdotal, mas cidadãos babilônios, tomaram as devidas precauções para que os três hebreus não escapassem. Quando o rei ficou sabendo da atitude dos três hebreus, ficou furioso (13) e convocou os três imediatamente. Sem dar-lhes chance de se defenderem, deu-lhes mais uma oportunidade de prestar adoração após o som especial da música. A recusa em fazê-lo significaria a imediata execução do decreto irreversível — eles seriam lançados **dentro do forno de fogo ardente; e quem é o Deus que vos poderá livrar das minhas mãos?** (15), vociferou o rei.

O equilíbrio e a calma dos três servos do Deus Altíssimo estavam em claro contraste com a fúria incontida do rei. A ousadia da fé deles era equiparada à sua serenidade. Os três responderam ao rei Nabucodonosor: **Não necessitamos de te responder** (“defender-nos”, NVI) **sobre este negócio. Eis que o nosso Deus, a quem nós servimos, é que nos pode livrar; ele nos livrará do forno de fogo ardente e da tua mão, ó rei. E, se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses nem adoraremos a estátua de ouro que levantaste** (16-18).

A verdadeira fé não está ligada às circunstâncias nem às conseqüências. Ela está fundada na imutável fidelidade de Deus. E a fé é decisiva no que tange à questão da fidelidade no crente. Poderia ter parecido algo de menor valor racionalizar apenas um pouco. Afinal, eles não deviam uma certa consideração ao rei? Porventura, eles não poderiam dobrar seus joelhos, mas ficar em pé em seus corações? Uma pequena concessão à limitada compreensão das coisas divinas por parte do rei seria uma questão insignificante.

Mas não! A reputação do caráter do Deus vivo e verdadeiro dependia desse momento. Multidões de pagãos de muitos países estavam observando. Quer Deus os libertasse das chamas, quer não, eles deveriam ser fiéis em honrar o seu nome.

3. *Provados pelo Fogo* (3.19-25)

O castigo ameaçador foi executado quase que imediatamente. O rei ficou tão furioso que **se mudou o aspecto do seu semblante** (19), e o fogo foi aquecido **sete vezes mais**. Deu-se ordem a um grupo de soldados fortes para amarrar (20) os três prisioneiros, que estavam “vestidos com seus mantos, calções, turbantes e outras roupas” (21, NVI), e lançá-los na fornalha. Quando Sadraque, Mesaque e Abede-Nego caíram no fogo, seus executores morreram diante deles, por causa do intenso calor.

Nabucodonosor estava endurecido de ver tantos homens morrerem, mesmo de formas horrendas. Mas o que aconteceu o espantou. Ele **se levantou depressa** e falou com seus conselheiros: **Não lançamos nós três homens atados dentro do fogo? [...] Eu, porém, vejo quatro homens soltos, que andam passeando dentro do fogo, e nada há de lesão neles; e o aspecto do quarto é semelhante ao filho dos deuses** (24-25).

Seiss,³ seguindo Keil e muitos outros, também traduz a última frase do versículo 25 como: “semelhante ao filho dos deuses”.^{N. do t.:} Keil⁴ explica:

N. do T.: a versão inglesa *King James* traz “semelhante ao Filho de Deus”.

O quarto homem que Nabucodonosor viu na fornalha era semelhante [...] a um filho dos deuses, i.e., alguém da raça dos deuses. No versículo 28, o mesmo personagem é chamado de um anjo de Deus. Sem dúvida, Nabucodonosor estava seguindo a concepção dos judeus, devido à conversa que teve com os três que foram salvos. Aqui, por outro lado, ele fala dentro do espírito e significado da doutrina babilônica acerca dos deuses...

Nabucodonosor se aproximou da porta da fornalha e gritou aos três homens para saírem, chamando-os de servos do Deus Altíssimo. Essa expressão não vai além do âmbito das idéias pagãs. Ele não chama o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego de o único e verdadeiro Deus, mas somente de Deus Altíssimo, o principal entre os deuses.

Independentemente da profundidade de discernimento que Nabucodonosor tinha em relação à identidade do **quarto** que caminhava entre as chamas, fica claro que aqui havia uma manifestação do sobrenatural, e o rei não era cego para deixar de enxergar isso. Deus estava lá na fornalha da aflição com seus servos. E a presença de Deus, o Criador da luz e do calor, era suficiente para controlar o efeito dessas forças naturais sobre esses homens que ousaram confiar nele.

4. O Tributo de Nabucodonosor ao Deus Verdadeiro (3.26-30)

As palavras de Nabucodonosor aos seus três servos hebreus ao saírem ilesos da “boca do inferno” continham um tributo espontâneo ao Deus poderoso em quem eles confiavam. E nesse tributo o rei reconheceu que eles serviam um Senhor maior do que ele. **Servos do Deus Altíssimo, saí e vinde** (26). O assombro do rei e dos seus oficiais foi instantâneo e evidente. De que forma três homens indefesos jogados nas chamas poderiam escapar não somente ilesos, mas sem ao menos apresentar o cheiro de fumaça nas suas roupas? No entanto, a evidência estava lá, bem diante dos seus olhos! O sobrenatural estava em ação.

Esse era um momento intenso de revelação. O rei elevou a voz em louvor a esse Deus vivo cuja obra poderosa ele acabara de testemunhar. **Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que enviou o seu anjo e livrou os seus servos, que confiaram nele** (28).

Nabucodonosor, em seguida, deu um testemunho marcante da fidelidade e coragem desses três servos de Deus. Eles haviam confiado em Deus, não obstante as conseqüências. Eles ousaram não **cumprir a palavra do rei, preferindo entregar os seus corpos, para que não servissem nem adorassem algum outro deus, senão o seu Deus** (28).

O Senhor, nosso Deus, é mais claramente conhecido quando resolve revelar sua glória por meio dos seus servos humildes. Para o rei, esse era **o Deus**, não do cosmo nem da eternidade, mas de **Sadraque, Mesaque e Abede-Nego** (29). E no desamparo deles, na prova da fornalha da aflição, o poder e a glória de Deus foram manifestos.

Além do mais, foi na fornalha que **o aspecto do quarto** foi revelado. Aqui, meio milênio antes do milagre da Encarnação, o eternamente preexistente Filho de Deus veio e caminhou com aqueles que eram seus no meio da aflição. Aqui brilhou a glória da Palavra que iria tornar-se carne e morar entre nós (Jo 1.14). Mais tarde, a mesma glória brilhou e reluziu no meio dos **castiçais** (Ap 1.13).

O rei ficou profundamente comovido com essa experiência. Em todo o seu reino, ele ordenou que houvesse respeito e reverência ao **Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego**. A ameaça horrenda de despedaçamento e destruição da propriedade que acompanhou o édito caracterizava a crueldade pagã desse rei, para quem a religião via coerção e medo era uma maneira natural de pensar. Há pouca evidência de que o rei Nabucodonosor tenha se convertido, mesmo que fosse forçado a admitir que **não há outro deus que possa livrar como este** (29). Os deuses da Babilônia não foram renunciados, mas naquele momento o Deus Altíssimo estava sendo exaltado como o maior entre todos os deuses.

Como resposta prática ao apreço que dirigiu às três fiéis testemunhas, o rei, sem demora, **fez prosperar a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, na província de Babilônia** (30).

C. O JULGAMENTO PESSOAL DE NABUCODONOSOR, 4.1-37

1. *Atribuição de Louvor ao Deus Altíssimo* (4.1-3)

O quarto capítulo de Daniel tem sido descrito como o documento governamental mais marcante dos tempos antigos. Iniciando com a inscrição **Nabucodonosor, rei** (1), esse documento falava com autoridade imperial a **todos os povos, nações e línguas**. Sem expressar vergonha ou apresentar desculpas, essa proclamação exaltava a **Deus, o Altíssimo** (2). Poucos líderes mundiais em qualquer época têm sobrepujado Nabucodonosor em dar glória a Deus ou em expressar de forma correta seu sublime caráter. Esse capítulo bem poderia ser chamado de “Teodicéia do Imperador” — uma vindicação sublime dos julgamentos de Deus e sua justiça.

*Como são grandes os seus sinais,
como são poderosas as suas maravilhas!
O seu reino é um reino eterno;
o seu domínio dura de geração em geração* (3, NVI).

2. *Um Sonho Perturbador* (4.4-18)

Não há uma indicação clara acerca do período no reinado de Nabucodonosor em que essa experiência humilde e esclarecedora veio a ele. Keil sugere que ela ocorreu “no período final do seu reinado, depois de ter participado de muitas guerras para a fundação e estabelecimento do seu império mundial, mas também, após concluir a maior parte das suas construções esplêndidas”.⁵

Não havia nada em seu ambiente que trouxesse profunda satisfação ao rei. Ele havia varrido o mundo com suas conquistas. Ele tinha sido altamente bem-sucedido como projetista e construtor, tanto na Babilônia como em todo seu vasto império. Agora, em casa, **estava sossegado [...] e florescente no seu palácio** (4). Mas sua paz e satisfação foram quebradas por um sonho que o perturbou profundamente. Como ele havia feito anteriormente em uma ocasião semelhante, convocou **todos os sábios de Babilônia** (6). Mas, apesar de toda sua sabedoria e ostentação eles não **fizeram saber** (7) o mistério ao rei. Não está inteiramente claro se Daniel foi chamado nessa primeira convocação.

Talvez ele tenha sido propositadamente excluído pelo rei até que a maioria dos sábios tivesse a oportunidade de provar o que eles eram capazes de fazer. **Mas, por fim, entrou na minha presença Daniel** (8). Dele, o rei testemunhou: **eu sei que há em ti o espírito dos deuses santos** (9).

O rei tinha visto em seu sonho **uma árvore** (10) que crescia cada vez mais **de maneira que a sua altura chegava até ao céu** (11) e parecia cobrir toda a **terra**. Sua **folhagem** era tão formosa e o fruto tão abundante que provia alimento e sombra **para todos** (12) — homens, aves e animais do campo. Então, um ser celestial chamado de **vigia, um santo** (13) apareceu e quebrou o silêncio com uma ordem poderosa: **Derribai a árvore, e cortai-lhe os ramos, e sacudi as suas folhas, e espalhai o seu fruto** (14).

O mensageiro celestial continuou a mostrar detalhes específicos do sonho amedrontador, o qual soava como um presságio de julgamento. E, na verdade, era um julgamento, mas um julgamento temperado com misericórdia. Porque Nabucodonosor estava em rota de colisão, mas Deus seria fiel a ele.

Keil⁶ sugere que é possível que na identificação do rei do **decreto dos vigiadores** (17) haja uma alusão à antiga teologia babilônica. Na hierarquia das deidades havia trinta deuses conselheiros servindo cinco grandes deuses planetários. Quinze deles eram encarregados pelo mundo superior e quinze pelo mundo inferior. A cada dez dias um mensageiro de cada conselho visitava o outro mundo e trazia uma palavra. Mas, independentemente da limitação teológica que Nabucodonosor tivesse tido, ele veio a conhecer um Deus superior, **o Altíssimo**, que **tem domínio sobre os reinos dos homens**.

3. A Interpretação de Daniel (4.19-27)

Quando os filósofos e cientistas pagãos da corte desistiram de interpretar o sonho e estavam em completa confusão, Daniel foi introduzido e saudado pelo rei com deferência respeitosa, reveladora de sua alta estima por esse servo de Deus. **Tu podes; pois há em ti o espírito dos deuses santos** (18), disse o rei. Mas Daniel, quando ouviu o sonho, foi dominado por um grande espanto e ficou sem falar durante uma hora. Então, encorajado pelo rei, ele expressou o motivo do seu espanto: **Senhor meu, o sonho seja contra os que te têm ódio, e a sua interpretação, para os teus inimigos** (19).

A enorme árvore era, na verdade, o próprio rei. Seu crescimento e força estupenda apresentavam um quadro exato do seu grande poder. **A tua grandeza cresceu e chegou até ao céu, e o teu domínio, até à extremidade da terra** (22). Mas o resultado trágico era que essa grandeza estava com os dias contados. O rei, conhecido em toda a terra pela sua capacidade, perderia a razão e se arrastaria pelo chão como um animal do campo. Ele, que era honrado como o maior entre os seres humanos, perderia sua condição de humano e se tornaria como um boi que se alimenta de ervas. **Até que passem sobre ele sete tempos** (23) indicava sete anos de insanidade para o rei.

Mas no meio desse presságio chocante de julgamento, que para o rei deve ter soado mais terrível do que a morte, veio a garantia da infinita fidelidade e misericórdia de Deus. Embora a árvore fosse cortada, **o tronco** (23; “toco”, NVI) foi deixado para reviver e crescer novamente. Além disso, ele foi cercado de **cadeias de ferro e de bronze**, um símbolo da firmeza e constância da promessa de Deus de sobrevivência e restauração. No final da sua interpretação, Daniel estava parado diante do rei

rogando para que ele se arrependesse dos seus **pecados** de injustiça e opressão, a fim de que Deus prolongasse a sua **tranqüilidade** (27).

4. *Cumprimento e Destronização* (4.28-33)

A falha de Nabucodonosor em prestar atenção e voltar-se para Deus por meio de um arrependimento genuíno é um reflexo ilustrativo da fraqueza e perversidade humanas. **Doze meses** (29) se passaram e a visão apavorante desvaneceu-se. Talvez a visão não viesse a se tornar realidade.

Certo dia, em um momento de glorificação própria, o rei começou a se exultar pelas suas grandes realizações. Enquanto caminhava pelo “terraço do palácio real” (NVI), debaixo dos seus pés estava o edifício mais esplêndido que a Babilônia já tinha visto, adornado em ouro com ladrilhos lustrosos de cores brilhantes. Próximo do palácio ficava a montanha artificial e os mágicos jardins suspensos construídos para a sua rainha das montanhas da Média. Esta era a **grande Babilônia** (30). De uma pequena cidade de um lado do rio Eufrates o rei havia dobrado sua área para os dois lados do rio. Ele a havia enchido com novas construções e templos com uma arquitetura distinta. Ele a havia cercado com muros conhecidos pela sua altura e largura. Parelhas de carruagens podiam correr lado a lado sobre esses muros. Cerca de 210 quilômetros desses muros cercavam a cidade. Cem aberturas, com portões de bronze, controlavam o acesso à cidade. Do lado de fora dos muros ficava um reservatório de cerca de 220 quilômetros de circunferência, conservando e controlando as águas do Eufrates. Canais para navegação e irrigação cobriam toda a área. Diques e represas alinhavam o Eufrates até o mar, e diversos quebra-mares tornavam o Golfo Pérsico seguro para a navegação.

Com esse tipo de visão enchendo a sua mente, podemos imaginar a soberba do rei. Aquele que já tinha tudo glorificou-se a si mesmo: **Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei [...] para glória da minha magnificência?** (30). Inflado de amor-próprio, a ponto de explodir, ele ruiu em um abismo de trevas espirituais e mentais.

O interlúdio de insanidade de Nabucodonosor aqui relatado não é conhecido em nenhuma outra fonte, como bem podemos entender. Qualquer referência a esse fato nas fontes babilônicas seria cuidadosamente apagada depois que o rei recuperou a sua sanidade e posição. O orgulho extremo do monarca foi castigado por meio de um julgamento fulminante e humilhante. A forma específica de demência que atingiu o rei Nabucodonosor é conhecida como licanthropia.

5. *Restauração* (4.34-37)

Esse capítulo encerra de maneira apropriada a narração do rei acerca da sua recuperação e sua declaração de louvor ao Deus **Altíssimo**. Como Deus havia prometido, seu reino foi preservado. Seu ministério de conselheiros, do qual Daniel provavelmente fazia parte, administrou o reino durante os “sete tempos” (32) da incapacidade do rei. Se esses sete tempos representavam sete anos, como a maioria dos comentaristas interpreta, isso mostra algo da consideração e estima que os subordinados do rei tinham por ele, bem como a providência fiel de Deus em inclinar os seus corações nesse sentido.

Talvez alguns se perguntem: Por que Deus permitiu a restauração? Ou, então: Por que Deus garantiu essa restauração a um autocrata tão egocêntrico como Nabucodonosor? Não foi para que Deus pudesse revelar a sua glória por meio desse homem?

Deus tinha planejado essa experiência como uma disciplina especial de aprendizado para Nabucodonosor. Seu propósito especial era, nas palavras de Daniel: **até que conheças que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer** (25). E nós lemos que a recuperação ocorreu quando **eu, Nabucodonosor, levantei os meus olhos ao céu** (34).

O rei tinha aprendido bem a sua lição. Tudo que sabia acerca de Deus até então, muito ou pouco, ele agora expressa por meio de um louvor profundo. A natureza do Deus Altíssimo distingue-se em claro contraste ao paganismo e superstição daqueles dias. Nesse texto vemos revelados: 1) *A eternidade de Deus* — **ao que vive para sempre** (34). 2) *Sua soberania* — **cujo domínio é um domínio sempiterno, e cujo reino é de geração em geração**. 3) *Sua onipresença* — **segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra** (35). 4) *Sua onipotência* — **não há quem possa estorvar a sua mão e lhe diga: Que fazes?**. 5) *Sua justiça* — “Porque tudo o que ele faz é certo, e todos os seus caminhos são justos” (37, NVI).

D. A QUEDA DO IMPÉRIO CALDEU, 5.1-31

A primeira metade do livro de Daniel é o registro de uma série de encontros cruciais entre o orgulho e poder de homens insignificantes e o grande e bondoso Deus. Este, em última análise, dirige as ações dos homens quer eles reconheçam isso, quer não. O incidente desse quinto capítulo serve como clímax da jornada meteórica ao longo da história do reino Babilônico.

Após a morte de Nabucodonosor, o seu filho, Evil-Merodaque, o sucedeu no trono. Esse é o rei que deu honra especial ao rei Joaquim, depois de 37 anos de exílio, ao soltá-lo da prisão e designar-lhe uma pensão (Jr 52.31-34; 2 Rs 25.27-30).

Depois de dois anos, Neriglissar, o cunhado de Evil-Merodaque, liderou uma revolta e o assassinou. Neriglissar tinha se casado com uma das filhas de Nabucodonosor e reivindicava um certo direito real, especialmente por meio do seu filho, Labashi-Mardaque. Mas o jovem não recebeu apoio e logo foi morto pelos seus amigos de confiança. Os generais e líderes políticos escolheram Nabonido, outro genro de Nabucodonosor, um auxiliar experimentado e de confiança durante a maior parte do seu reinado. Nitocris, filha de Nabucodonosor, deu um filho a Nabonido. Seu nome era Belsazar. Por causa do seu sangue real, Belsazar, três anos após a ascensão de Nabonido ao trono, foi feito co-regente com seu pai. Ele tinha a incumbência de governar a cidade e província da Babilônia. Esse foi o rei Belsazar descrito por Daniel, como os caracteres cuneiformes têm revelado após décadas de confusão sobre a sua identidade, mesmo entre estudiosos conservadores.⁷

1. A Orgia Profana de Belsazar (5.1-4)

Além de toda a herança real do grande Nabucodonosor, seu avô, Belsazar tornou-se conhecido por causa da sua devassidão e crueldade. Atribui-se a Xenofonte a história em que um dos nobres de Belsazar venceu o rei numa caçada. Por esse motivo, Belsazar matou o nobre na mesma hora. Mais tarde, em uma festa, um dos convidados foi elogiado por uma das mulheres. O rei ordenou que o convidado fosse mutilado para eliminar qualquer possibilidade de ser elogiado novamente.⁸ Criado em um ambiente de luxo, em

que o poder e a adulação fizeram parte da sua vida já em tenra idade, ele tinha poucas chances de não se tornar um egoísta insensato e um autocrata cruel.

Mas agora, catorze anos como segundo no comando do reino, Belsazar precisava encarar grandes responsabilidades. Nabonido, seu pai, estava no campo de batalha com o exército caldeu tentando rechaçar os ataques das forças conjuntas dos Medos e Persas. Uma província após outra do império da Babilônia tinha caído. Agora, os exércitos de Ciro cercavam a capital como o último obstáculo a ser vencido.

Mas não era essa a grande Babilônia incontestável? Seus muros podiam resistir a qualquer assalto. Sua fartura em mantimentos e seu suprimento de água inesgotável poderiam sobreviver a qualquer cerco. Para demonstrar seu desdém pela ameaça persa, Belsazar decretou uma festa para toda a cidade. Por meio de um convite especial para **mil dos seus grandes** (1), ele preparou uma festa no palácio real. Ele convidou as mulheres do harém real para acrescentar diversão à festa. Então o próprio rei liderou a festa oferecendo bebida para todos. Em dado momento, “inflamado pelo muito vinho” (2, Berkeley), Belsazar se deixou levar por um impulso imprudente. Ele ordenou que fossem buscados **os utensílios** sagrados que seu avô tinha trazido de **Jerusalém** para a Babilônia (3) cinquenta anos atrás. Eles beberam dessas taças, coisa que nenhum outro ousara fazer até então. Belsazar e seus companheiros de festa beberam dessas taças e **deram louvores aos deuses** (4) da Babilônia. Xenofonte relata que a festa se tornou tão barulhenta que o general de Ciro, Gobrias, declarou: “Não deveria me surpreender se as portas do palácio estivessem abertas agora, porque parece que toda a cidade se entregou à folia”.⁹

2. A Aparição do Julgamento (5.5-9)

Subitamente, sem aviso prévio, a festança deu lugar a um silêncio chocante. Na parede rebocada apareceram alguns dedos de **mão de homem** (5) que lentamente começaram a escrever uma mensagem. Mas o rei não conseguiu entender uma única palavra do que tinha sido escrito, nem seus convidados de honra. **Então, se mudou o semblante do rei, e os seus pensamentos o turbaram; as juntas dos seus lombos se relaxaram, e os seus joelhos bateram um no outro** (6). Quando Belsazar conseguiu falar, ele começou a gritar e chamar os peritos na sabedoria, **os astrólogos, os caldeus e os adivinhadores** (7), para explicar esse mistério. O rei prometeu todo tipo de recompensa e promoção para qualquer um que pudesse ler a escrita na parede e interpretar a sua mensagem. Esse homem seria **vestido de púrpura** (púrpura real), uma **cadeia de ouro** seria colocada ao redor do seu pescoço e ele se tornaria o terceiro em importância no governo do seu reino. Esse era o posto mais elevado disponível, visto que Nabonido ocupava o posto mais elevado, e Belsazar, o segundo.

Quando os sábios não conseguiram decifrar a escrita, o rei e todos os convidados ficaram outra vez aterrorizados. O termo aramaico usado aqui, *mishettabbeshiyn*, significa muito mais do que perplexidade. Na verdade, havia “confusão e grande comoção na assembléia”.¹⁰

3. Daniel é Chamado (5.10-12)

Enquanto os homens clamavam e as mulheres gritavam, **a rainha** (10; rainha-mãe, Nitocris), que havia se ausentado da festa, entrou na sala do banquete do palácio. Assu-

mindando o comando da situação histórica com postura e dignidade, ela gentilmente admoestou o rei, seu filho, e o instruiu na ação a ser tomada. Ela lembrou-o de um **homem que tem o espírito dos deuses santos** (11). Esse homem havia provado sua capacidade extraordinária inúmeras vezes ao desvendar os segredos sobrenaturais nos dias do seu avô Nabucodonosor. Era o próprio **Daniel**, chamado **Beltessazar** (12), que Nabucodonosor havia constituído chefe dos sábios da Babilônia.

4. *A Interpretação de Daniel* (5.13-29)

Então, Daniel foi introduzido à presença do rei (13). Negligenciado havia muito tempo e completamente esquecido, agora tinha chegado a hora do homem de Deus. A mesma recompensa extravagante que o rei havia prometido previamente lhe foi proposta (16), mas Daniel não deu importância às “ninharias” do rei (17) e foi direto à crise que o rei embriagado e sua cidade estavam enfrentando. Daniel o confrontou de forma cortês mas sem rodeios com uma mensagem de Deus. Daniel recorreu às lições que Belsazar deveria ter aprendido da história, especialmente em como Deus tratara a vida do seu avô. Ele conduziu a atenção para o orgulho de Nabucodonosor e sua trágica humilhação (18-22). Então veio uma estocada na própria consciência de Belsazar: **E tu, seu filho Belsazar, não humilhaste o teu coração, ainda que soubeste de tudo isso. E te levantaste contra o Senhor do céu** (22-23).

A escrita na parede havia terminado. Quatro palavras misteriosas brilhavam na parede. Elas foram escritas na língua dos caldeus, mas qual era o seu significado? **MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM** (25). Daniel explicou cada palavra com um significado duplo. **MENE, MENE** significava “contado, contado”: **Contou Deus o teu reino e o acabou** (26); **TEQUEL** — “pesado”: **Pesado foste na balança e foste achado em falta** (27). **PARSIM** — “fragmentos quebrados” (no aramaico: UPARSIM; o U significa “e”). Usando a forma do particípio singular, **PERES** — fragmentado, Daniel pronunciou o julgamento final: **Dividido** (ou quebrado em pedaços) **foi o teu reino e deu-se aos medos e aos persas** (28).

5. *Colapso do Império* (5.30-31)

Mal haviam acabado de colocar os adornos de honra em Daniel, quando os soldados de Gobrias e Ciro invadiram o palácio com gritos de guerra. A tradição diz que os engenheiros de Ciro desviaram o rio e entraram na cidade pelo canal seco. Mas evidências mais sólidas parecem indicar que insurreções de dentro da cidade abriram as portas e deixaram o exército persa entrar. A cidade caiu com pouco derramamento de sangue, além de Belsazar. Quando o exército do rei Nabonido foi completamente derrotado, Ciro deu a ele uma residência permanente em Carmânia, uma província não muito distante, onde viveu o restante dos seus dias.

Mas em relação a Belsazar, filho de Nabonido, quão pateticamente fútil foi a oração do pai registrada em um enorme rolo com caracteres cuneiformes encontrado no zigurate em Ur! Endereçado a Sin, o Deus-Lua, lê-se o seguinte: “Quanto a mim, Nabonido, o rei da Babilônia, o venerador da sua grande divindade, que eu possa ser satisfeito com a plenitude da vida, e quanto a Belsazar, o primeiro filho dos meus lombos, alongue os seus dias; não permita que se volte para o pecado”.¹¹

No capítulo 5, tendo como pano de fundo o julgamento do versículo 27, encontramos o tema: “Deus Proclama a Destruição”. 1) Quando os homens não querem aprender da experiência de outros (17-22); 2) Quando os homens ignoram e desprezam Deus (22-23). 3) Quando os homens vivem em sensualidade (1-3). 4) Quando os homens adoram outros deuses (23). Também cf. Seiss.¹²

E. O REINADO DE DARIO, O MEDO, 6.1-28

O versículo final do capítulo 5 e o primeiro versículo do capítulo 6 nos introduzem ao novo governo. Embora Ciro fosse o conquistador, Dario, o medo, é apresentado como o monarca no poder na Babilônia. Parece que a política de Ciro era deixar a administração do governo nas mãos de outros, enquanto seguia em frente com novas conquistas.

Durante muitos anos um dos problemas cruciais do livro de Daniel tem sido a identidade de Dario, o medo, o filho de Assuero (5.31; 9.1). A história secular não fornece nenhum tipo de ajuda para solucionar esse problema. O mesmo se podia dizer de Belsazar, até que as inscrições cuneiformes começaram a revelar seus segredos. Josefo acreditava que Dario era filho de Astiages, conhecido pelos gregos por outro nome.¹³ Isso significaria que ele era neto de Ciaxeres, o grande aliado medo de Nabucodonosor.

Alguns têm tentado identificar Dario com Gobrias, o general do exército de Ciro que venceu a Babilônia. Acredita-se que seu reinado foi breve. Mas, sua morte dentro de dois meses após a captura da Babilônia dificilmente apoiaria essa teoria.

Em seu livro *Darius the Mede* (Dario, o medo), John C. Whitcomb oferece fortes indícios que identificam Dario, o medo, com um Gubaru, cujo nome estava separado nos registros cuneiformes. Esse Gubaru é chamado de “Governador da Babilônia e do Distrito Além do Rio”. Debaixo da autoridade de Ciro, Gubaru nomeou governadores para governar com ele na ausência de Ciro, que residia por longos períodos em sua capital em Ecbatana. Gubaru recebeu um poder praticamente ilimitado sobre a imensa satrapia da Babilônia. Mesmo no governo de Cambises, o filho de Ciro, Gubaru continuou a exercer sua autoridade.¹⁴

1. *Avanço Político de Daniel* (6.1-3)

Na reorganização do governo, Dario seguiu a política liberal de Ciro e logo dividiu a responsabilidade da administração. A nomeação de 120 **presidentes** (1), sobre os quais foram colocados **três príncipes** (2), pode ter sido um arranjo temporário para assegurar a coleta regular dos impostos e manter um sistema de arrecadação e contabilidade. A breve explicação do versículo 2 parece indicar isso: **aos quais esses presidentes dessem conta, para que o rei não sofresse dano.**

Dos três presidentes, **Daniel se distinguiu**. E Dario encontrou nele **um espírito excelente** (3) e planejava estender sua autoridade sobre todo o reino.

Daniel devia ter em torno de 85 anos ou talvez se aproximasse dos 90 anos. Ele tinha passado por diversas crises políticas. Agora, a sua reputação de homem íntegro e honesto chegara ao conhecimento dos novos governantes. Talvez informantes tenham aconselhado os novos governantes acerca da posição de Daniel na noite fatal da queda de Belsazar. Quaisquer que fossem as circunstâncias, o homem de Deus estava pronto para servir onde fosse necessário.

2. *A Trama dos Presidentes (6.4-9)*

Um homem de fidelidade e honestidade é desconcertante para maquinadores desonestos. Ver Daniel prestes a receber uma promoção que o colocaria acima deles era mais do que **os príncipes e os presidentes** podiam tolerar. Eles precisavam destruir Daniel a qualquer custo. O fracasso em encontrar falhas na administração de Daniel os fez buscar uma maneira de atacá-lo no seu ponto mais forte — sua religião e a **lei do seu Deus** (5).

O rei foi ingênuo no que tange à sugestão dos inimigos de Daniel. Era bastante comum para os governantes dos medos e persas colocar-se no lugar de um dos seus deuses e requerer a adoração do povo. Dario sentiu-se lisonjeado em ser o centro da devoção religiosa por um mês, assim, **assinou esta escritura e edito** (9).

3. *A Devoção Corajosa de Daniel (6.10-24)*

A resposta de Daniel foi inequívoca. Alterar seus hábitos de devoção ou tornar secreta a sua relação com o seu Deus seria uma negação básica. Ele **se punha de joelhos, e orava, e dava graças, diante do seu Deus, como também antes costumava fazer** (10). Essa era uma lei que não tinha o direito de estar nos livros dos estatutos. Tornar uma questão de profunda consciência uma ilegalidade é uma grande traição contra o Deus dos céus. A questão da autoridade do estado e do direito da consciência individual tem se tornado crucial muitas vezes em nosso século iluminista. E, semelhantemente a Daniel, homens têm sido traídos por causa de uma posição de consciência. Os presidentes conspiradores relataram a Dario: “Daniel, um dos exilados de Judá, não te dá ouvidos, ó rei, nem ao decreto que assinaste. Ele continua orando três vezes por dia” (13; NVI).

O rei ficou triste quando percebeu as implicações da sua ação. Ele **propôs dentro do seu coração livrá-lo** (14) da armadilha legal na qual ambos haviam sido apanhados por intermédio dessa trama abominável. Os maquinadores pressionaram o rei de maneira cruel e desavergonhada (15). Eles pressionaram o rei a fazer o que sentia repugnância em fazer, ou seja, lançar Daniel **na cova dos leões** (16).

A cova foi selada com o **anel** do rei (17), de tal modo que não havia chance de escapar. O rei retornou ao palácio, mas não para comer ou dormir. Dario **passou a noite em jejum** (18) e, sem dúvida, em oração a todos os deuses que conhecia. Ao amanhecer, o rei se apressou em ir à cova dos leões. A NVI traduz o versículo 20 da seguinte maneira: “Quando ia se aproximando da cova, chamou Daniel com voz que revelava aflição: ‘Daniel, servo do Deus vivo, será que o seu Deus, a quem você serve continuamente, pôde livrá-lo dos leões?’ ” (20).

Desconsolado, ele tinha dito a Daniel na noite anterior: “Que o seu Deus, a quem você adora tão fielmente, o livre!” (16, Berkeley).

A resposta de Daniel do fundo da cova foi o som mais maravilhoso que o rei desejava ouvir. **Ó rei, vive para sempre! O meu Deus enviou o seu anjo e fechou a boca dos leões** (21-22).

A alegria do rei revela a estima que ele tinha por Daniel. E seu sentido de justiça é percebido em seu esforço para corrigir o erro que havia cometido, pela reversão imediata do édito e o castigo resolutivo dos maquinadores perversos.

4. *O Decreto de Dario (6.25-28)*

Embora a reação imediata de Dario tenha sido de corrigir a injustiça que havia feito a Daniel e punir os verdadeiros ofensores, ele foi muito além disso. Ele reconheceu que a

verdadeira injustiça tinha sido cometida contra o Deus de Daniel. Na verdade, o decreto que havia colocado Daniel na cova dos leões tinha proscrito a lei do **Deus vivo** (26) no reino dos medos e persas. Esse édito precisava ser neutralizado por um outro, amplo em seu alcance e específico em suas implicações. Assim, onde o primeiro édito proibia fazer uma oração a qualquer outro a não ser ao rei, o segundo ordenava reverência ao Deus de Daniel em todo o reino. Provavelmente, a verdadeira adoração não pode ser assegurada por um édito real, mas ela certamente pode ser encorajada. A ordem do rei e a declaração de louvor expõem a glória de Deus em termos quase tão abrangentes e claros quanto aquelas proclamadas pelo grande Nabucodonosor, o caldeu. **O Deus de Daniel [...] ele é o Deus vivo e para sempre permanente, e o seu reino não se pode destruir; o seu domínio é até ao fim. Ele livra, e salva, e opera sinais e maravilhas no céu e na terra** (26-27).

O reconhecimento de Dario acerca do caráter sobrenatural do livramento de Daniel é manifesto em dois termos aramaicos usados no versículo 27 para descrever a obra de Deus — *'athiyh* e *thiymhiyh*, **sinais e maravilhas**. O substantivo singular *'ath* sugere “um sinal ou farol”, ou seja, “um prodígio, um milagre ou sinal”. A segunda palavra, *temah*, sugere “assombro, perplexidade, admiração”, ou seja, “milagre, maravilha”. O fato de aqueles animais selvagens famintos ficarem com as bocas fechadas, a ponto de deixar o homem de Deus ileso é, de fato, um milagre. Pouco tempo depois, aqueles mesmos animais, libertos do poder que os impedia de atacar, esmigalharam os ossos daqueles que haviam desafiado a Deus. Esse tipo de milagre é totalmente inaceitável para aqueles que insistem em uma explanação natural para cada acontecimento. Mas para aqueles que aceitam a revelação de um Deus que é livre para agir dentro do seu próprio universo criado, esse milagre não é mais impossível do que qualquer outro ato que Ele escolheu para cumprir o seu propósito. Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento estão repletos desse tipo de acontecimentos. Dessa forma podemos ver o tipo de Deus que servimos, **o Deus vivo [...] para sempre permanente** (26).

No capítulo 6, podemos ver a “Coragem e suas Consequências”. 1) Coragem para ser fiel (1-10). 2) Coragem testada (11-17). 3) Coragem vindicada (18-23). 4) O Reino de Deus fomentado (25-27) A. F. Harper.

O versículo 28 relaciona os reinos de **Dario**, o medo, e **Ciro, o persa** com Daniel, que serviu aos dois monarcas. A história deixa claro que esses monarcas eram co-regentes: Dario, o medo, servia na Babilônia sob o reinado de Ciro, que havia consolidado os reinos dos medos e persas e era seu governante reconhecido. Parece que Dario reinou no máximo dois anos. Outras referências mencionam apenas o primeiro ano de Dario (9.1; 11.1).

F. IMPÉRIOS ASCENDEM E MINGUAM ATÉ A CONSUMAÇÃO, 7.1-28

Daniel 7 conclui a seção aramaica do livro (veja comentários em 1.1-2) e encerra as mensagens relacionadas aos poderes pagãos mundiais. Em certo sentido, esse capítulo serve de ponte entre a seção gentia e a seção judaica seguinte. A primeira seção, expressa na língua das terras onde Israel e Judá estavam exilados, levou a palavra de Deus aos imperadores e impérios dos gentios. A segunda, na língua da promessa ao povo da pro-

messa, levou a palavra infalível de Deus ao remanescente de Israel. A perspectiva da primeira é a ordem mundial gentia. A perspectiva da segunda seção apresenta o Reino de Deus em primeiro plano, ainda que em conflito com as forças do mundo. Assim, esse sétimo capítulo faz convergir as duas perspectivas, a terrena e a celestial. Junto com o capítulo 2, ele tem sido definido como o coração da mensagem de Daniel.

1. *Os Quatro Animais* (7.1-8)

a) *Os animais e a imagem de Nabucodonosor* (7.1-3). **No primeiro ano de Belsazar** (1) seria quatorze anos antes da queda do reino Babilônico. O **sonho** de Daniel sobre a ordem das coisas futuras lançou a vista do tempo em que o profeta se encontrava, mais de cinco séculos antes do nascimento de Cristo, até a nossa era e até o fim dos tempos. Da sua perspectiva, rodeado por uma escuridão silenciosa da **noite** (2), emergiu uma figura violenta e furiosa — tempestuosos **ventos do céu, animais** rugindo (3) subindo das águas, espalhando-se pela terra, um após o outro.

Os ventos do céu agitando o mar é uma figura ilustrativa das duas dimensões da realidade na história. Há a existência terrena de pessoas e nações representada pelo mar agitado e a terra sólida. Há a ordem celestial, sobrenatural. Os dois domínios estão envolvidos no curso dos afazeres humanos, e entre eles e dentro deles há um conflito dinâmico de forças.

Há um paralelo impressionante entre a visão de Daniel descrita aqui e a visão de Nabucodonosor da grande imagem. Na verdade, elas claramente retratam as mesmas realidades históricas, embora de pontos de vista diferentes. O capítulo 2 retrata a história como Deus permitiu que um monarca pagão a vislumbasse. A imagem continha elementos da própria situação de Nabucodonosor. Na visão de Daniel compartilhamos da concepção de um homem de Deus que consegue captar um vislumbre da perspectiva de Deus.

Nabucodonosor viu a ordem mundial elevando-se em uma magnificência esplendorosa, um colosso dourado cintilante, mas Daniel viu a mesma substância em forma de animais temerosos e vorazes.

Stevens percebe a relevância do símbolo da bestialidade sendo aplicado aos tiranos da história. “Devemos nos curvar em respeito diante dessa manifestação avaliadora divina sobre o caráter do governo imperial do mundo. Quais são os atributos dos animais? Guardar o que é seu a qualquer custo; brigar por aquilo que não têm, mas que querem ter; voar e procurar a violência, sedentos de sangue a qualquer provocação [...] inclinados a sentir o máximo de satisfação no sangue, na agonia, na perda e na morte dos objetos da sua fúria [...] Deus anteviu esse espírito predominante nos impérios mundiais até o fim. Na verdade, esse é o verdadeiro espírito do império mundial. E o militarismo é o seu instrumento indispensável”.¹⁵ Verdadeiramente, “o SENHOR não vê como vê o homem” (1 Sm 16.7).

b) *O leão com asas* (7.4). A identificação dos três primeiros animais parece claramente um paralelo com a interpretação de Daniel da imagem do capítulo 2. O **leão com asas de águias [...] foi levantado [...] e posto em pé como um homem** e recebeu **um coração de homem**. Essa imagem provavelmente representa Nabucodonosor como a grande personificação do império babilônico. Sua degradação é sugerida pelo despojar das asas, e sua

restauração pelo presente de **um coração** e a postura ereta de um **homem**. O rei dos animais é representado pela força e ferocidade, e o rei das aves, pela graça, agilidade e voracidade; combinados retratam o poder e a grandeza régia desse rei e de seu reino.

c) *O urso desajeitado* (7.5). O **segundo animal, semelhante a um urso**, “tendo sua pata levantada, pronto para atacar” (Berkeley), era o segundo animal mais feroz. As **três costelas** em sua boca e a ordem: **Levanta-te, devora muita carne**, descrevem seu instinto predatório. Os reinos da Babilônia, Lídia e Egito podem representar as costelas entre os dentes do urso.¹⁶

Pusey descreve de maneira vívida a impassibilidade desajeitada do império persa — imponente e pesado na sua estratégia militar, devastador de vidas e recursos humanos. A campanha militar de Xerxes contra a Grécia, que experimentou sua derrota inicial na batalha de Maratona, mais se assemelhava à migração de imensos bandos do que à ação de um exército. Estima-se em mais de dois milhões e meio de soldados em ação.¹⁷

d) *O leopardo com suas asas velozes* (7.6). O **leopardo com quatro asas de ave** é um símbolo apropriado do grego Alexandre, cuja velocidade impressionante e poder admirável rapidamente colocaram a Pérsia e o mundo aos seus pés. A divisão em quatro partes do seu reino logo após a sua morte é sugerida pelas **quatro cabeças**.

e) *O monstro indescritível* (7.7-8). O quarto animal torna-se o tópico especial da interpretação do anjo nos versículos 15-28. Essa criatura espantosa mas indefinível lembra fortemente o caráter heterogêneo da parte inferior da imagem de Nabucodonosor com as pernas de ferro e os pés e dedos formados de uma mistura de ferro e barro (2.40-43).

1) *Poder, saque e terror* (7). O caráter distinto do quarto animal é o terror que provoca no observador; ele era **terrível e espantoso e muito forte, o qual tinha dentes grandes de ferro**. “Ele devorava e dilacerava suas vítimas em pedaços e pisoteava o que sobrava com seus pés” (Berkeley). Sua diferença marcante em relação aos outros animais antes dele era especificamente notada.

2) *Dez chifres* (7). Da sua cabeça cresciam **dez pontas** (“chifres”, ARA). Símbolos de poder militar, esses chifres representam dez reis ou reinos (cf. v. 24). Saindo da mesma cabeça eles apresentavam uma unidade na diversidade, como partes de um mesmo animal. Eles também pertenciam ao mesmo período histórico em contraste com as sucessivas aparições dos animais.

3) *O temeroso chifre pequeno* (8). Saindo da mesma cabeça e desalojando **três das pontas primeiras** subiu **outra ponta pequena**. Mais devastador do que qualquer um dos seus predecessores, esse chifre torna-se o assunto principal do restante do capítulo. Um ser humano, dotado de inteligência e sagacidade extraordinárias, com um imenso orgulho, é sugerido pelos **olhos de homem, e uma boca que falava grandiosamente**.

2. O Ancião de Dias Senta para Julgar (7.9-14)

a) *Os tronos de julgamento* (7.9-10). Quando a fúria do quarto animal alcançou seu clímax, Daniel viu tronos sendo estabelecidos,¹⁸ e o **ancião de dias** toma seu assento de julgamento. Coberto por uma luz inefável, cercado por milhares de milhares que o servi-

am, o Juiz iniciou o **juízo** [...] e **abriram-se os livros**. Esse quadro é claramente refletido em Apocalipse 20.4.

b) *O julgamento do animal e dos animais* (7.11-12). O quarto animal encontra seu fim no julgamento de Deus. **O animal foi morto, e o seu corpo, desfeito e entregue para ser queimado pelo fogo**. Com ele foi o pequeno chifre (**ponta**). Os **outros animais** receberam uma **prolongação de vida**, todavia, foi-lhes removida sua autoridade e foram colocados debaixo do domínio divino.

c) *Um novo rei e um novo reino* (7.13-14). A seguir vem uma bela visão de **um como o filho do homem** (13), que vem **nas nuvens do céu** e recebe **um domínio eterno** (14). **Todos os povos, nações e línguas** tornam-se sujeitos a Ele. A escolha do título “Filho do homem” por Jesus inevitavelmente identifica o novo Rei. E a proclamação de Jesus acerca do Reino identifica o novo domínio.

A relação dessa visão com a visão de 2.44 é evidente. Ali a pedra que foi cortada da montanha substitui os reinos (cf. Mt 24.30 e Ap 1.7).

3. A Interpretação do Anjo (7.15-28)

a) *A explicação dos animais* (7.15-18). Não é de admirar que Daniel estava perplexo e **abatido** (15) com a visão que acabara de ter. Devido a sua sabedoria em relação aos caminhos de Deus, ele tinha percepção suficiente para compreender algo do significado do panorama que havia se estendido diante dele. Mas a amplitude disso e as implicações sombrias para as pessoas da terra e para o seu próprio povo eram mais do que Daniel podia absorver calmamente.

Deus é bom em prover ajuda aos seus filhos quando mais precisam dela. O anjo de Deus estava lá para socorrer Daniel, para que ele compreendesse melhor o que estava acontecendo. Os quatro **animais**, ele explicou, eram **quatro reis** (17) ou reinos. Mas a consequência final da história é o quinto reino, o governo dos **santos do Altíssimo** (18).

b) *O quarto animal* (7.19-26). Esse animal era a preocupação maior de Daniel, como tem sido no caso dos estudantes do livro de Daniel. Assim, o anjo concentrou-se nesse aspecto e deu-lhe uma atenção maior.

Esse **animal** com grandes **dentes** [...] **de ferro** e garras de **metal** (“bronze”, ARA) era indescritivelmente horrível. Ele era mais devasso na sua capacidade de destruir e sua crueldade do que qualquer um dos seus predecessores. Embora no início tivesse **dez pontas** (chifres), um pequeno chifre surgiu para desalojar três outros e distinguir-se no seu vigor e crescimento. Em ferocidade e ostentação esse chifre **era mais firme do que o das suas companheiras**. No final, esse chifre atacou o próprio Deus, o Altíssimo, e **fazia guerra contra os santos e os venceu** (21).

Esse **quarto animal**, explica o anjo, **será o quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os reinos; e devorará toda a terra, e a pisará aos pés, e a fará em pedaços** (23).

1) *Que império é esse?* Que reino na história pode ser identificado com o quadro pavoroso desse quarto animal? Seguindo a interpretação adotada no capítulo 2, esse

seria o Império Romano, embora a maioria dos intérpretes modernos discorde desse ponto de vista. O parecer popular é que o animal em forma de dragão representa os gregos, cujos dez chifres representam os dez governantes que sucederam Alexandre. O pequeno chifre seria Antíoco Epifânio.¹⁹

2) *Roma identificada*. Young, apoiando a posição de que esse quarto animal representava o Império Romano, diz: “É provavelmente correto concordar com a visão tradicional de que esse quarto império é Roma. Isso já era expresso na época de Josefo, e tem sido amplamente aceito. Podemos citar Crisóstomo, Jerônimo, Agostinho, Lutero, Calvino como alguns dos comentaristas que concordam com essa posição, ou que são, pelo menos, partidários da mesma. Em tempos posteriores, estudiosos como E. W. Hengstenberg, H. Ch. Hävernick, Carl Paul Caspari, Karl Friedrich Keil, Edward Pusey e Robert Dick Wilson [apoiaram essa teoria]”.²⁰

Young apresenta duas razões de a teoria romana ter obtido a supremacia no Novo Testamento e ter sido aceita pelos intérpretes desde então.

a) “Nosso Senhor identificou-se como o Filho do Homem, a figura celestial de Daniel 7, e conectou a ‘abominação da desolação’ com a futura destruição do Templo (Mt 24)”.

b) “Paulo usou a linguagem de Daniel para descrever o Anticristo, e o livro de Apocalipse empregou o simbolismo de Daniel 7 para referir-se aos poderes que existiam naquela época e aos poderes futuros.

“A razão de a teoria do Império Romano tornar-se tão predominante na igreja primitiva é porque ela é encontrada no Novo Testamento, não porque os homens pensavam que tinham achado uma saída simples para a dificuldade”.²¹

3) *O que significa a “ponta pequena”* (“pequeno chifre”, vv. 8, 11, 20-22, 24-26)? Intérpretes conservadores concordam quase de maneira universal em que o pequeno chifre de Daniel 7 é o Anticristo, que deverá vir no final dos tempos. Jerônimo insistia nesta teoria, contrariando Porfírio.²² Poucos que aceitam a inspiração sobrenatural de Daniel têm questionado a argumentação de Jerônimo. No entanto, inúmeros estudiosos insistem em que o pequeno chifre nesse capítulo não deve ser identificado com o pequeno chifre (ponta pequena) do capítulo 8. Quanto ao pequeno chifre — a audácia profana —, o egoísmo crescente desse ser humano que surge do solo político da história humana o distingue como a culminação da iniquidade e impiedade. Sua caracterização como tendo **olhos de homem** (8) sugere que ele é um homem de caráter extraordinário, possuindo inteligência, sagacidade e uma percepção muito além da dos seus contemporâneos. Ele vencerá o mundo pela racionalidade e lógica tanto quanto pela força armada. A expressão **boca que falava grandiosamente** (8) indica habilidade na eloquência, persuasão, um poder de comunicação que serve como arma de guerra contra Deus e o homem.

Esse é o “homem do pecado, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus” (2 Ts 2.3-4). Esse é o “mistério da injustiça” (2 Ts 2.7), “o iníquo” (2 Ts 2.8). É impossível que esse perverso seja identificado com Antíoco Epifânio. Esse tirano estava morto havia cerca de duzentos anos na época de Paulo. Ele pode simbolizar “o iníquo”, mas Paulo colocou o Anticristo no fim dos tempos, na culminação do conflito entre Deus e o Anti-Deus.

A frase: **E proferirá palavras contra o Altíssimo** (25) é regida pela preposição **contra**. A palavra aramaica *letsadh* significa “ao lado de, contra”. “Ela denota que ele usará uma linguagem na qual colocará Deus de lado, e dará atenção a outro. Ele se colocará na posição de Deus, fazendo-se semelhante a Deus, e destruirá os santos de Deus”.²³

c) *Os reinos dos homens e o Reino de Deus* (7.13-14,18,22,27-28)

1) *Teorias divergentes*. O que é esse **reino** (18) que o Altíssimo deverá entregar ao **filho do homem** (13) e, por meio dele, aos **santos do Altíssimo** (22)? Onde esse reino está localizado? Quem são seus cidadãos? Quando virá? Inúmeras teorias têm proliferado em torno desse tema importante. Talvez não haja nenhum aspecto da revelação mais importante, além da própria redenção, do que o Reino de Deus. Tampouco há assunto mais essencial para a compreensão de todas as implicações da redenção e do significado do evangelho no seu cenário universal.

a) *Israel é o “ungido” de Deus* e provê o cerne do Reino. Essa é a visão liberal e está intimamente ligada à teoria de que o quarto reino é a Grécia e que o pequeno chifre é Antíoco Epifânio. Não há o reconhecimento de um Messias pessoal e sobre-humano. Alguns chegam a afirmar que Onias, o sumo sacerdote que resistiu a Antíoco e foi morto por ele, poderia ser “o ungido”. Argumenta-se que o autor de Daniel não poderia ter nenhum tipo de conhecimento acerca de um Messias pessoal, e certamente não saberia nada acerca de um Messias que se tornaria o Rei do reino de Deus.

b) *Uma visão espiritualizada*. Essa visão é creditada primeiro a Orígenes e tem sido seguida por muitos intérpretes ao longo dos séculos. Desse ponto de vista, não precisa haver um tempo de um julgamento final e crucial. Cristo é o Juiz agora e tem sido desde o seu primeiro aparecimento. O Reino já está aqui e onde quer que o domínio de Deus estenda sua influência sobre os corações dos homens. A maioria dos escritores católicos, seguindo Agostinho, defende esse ponto de vista, com algumas ressalvas, identificando o Reino com a Igreja. *A Cidade de Deus*, de Agostinho, é um exemplo clássico dessa apresentação. A neo-ortodoxia, na sua escatologia, tende à interpretação espiritualizada do encontro contínuo dos homens e nações com o justo Juiz e seu julgamento.

c) *Israel na Palestina*. Essa teoria é defendida pela maioria dos intérpretes dispensacionalistas e fundamentalistas da profecia. Gabelin, Ironside, Blackstone, Larkin e muitos outros têm habilmente fomentado essa “visão de intervalo”.²⁴ Ela é denominada dessa forma por causa do longo intervalo ou hiato requerido pela teoria entre a Primeira e a Segunda Vindas. A era da Igreja ou da dispensação é vista como um “espaço de tempo” na profecia, um tempo de espera até que Deus possa cumprir seus propósitos e trazer Israel de volta do banimento para a Terra da Promessa, a Palestina. A aliança do Antigo Testamento é feita com o Israel literal e somente pode ser cumprida por ele.

O Reino é visto como um reino político do qual Cristo é o rei e Israel o governo. O local é a terra, na verdade, um pequeno ponto na terra, a Palestina. O tempo dessa era dourada é um período de mil anos no fim dos tempos, o milênio.

d) *O Reino em continuidade até a consumação*. Essa teoria associa duas das teorias precedentes, formando uma síntese maior. Ela afirma que o Reino de Deus é o mesmo governo de Deus que Jesus instituiu em seu ministério, morte e ressurreição. Foi isso que Ele proclamou quando disse: “O Reino de Deus chegou”. Era isso que Ele queria que

seus discípulos orassem: “Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu” (Mt 6.10).

Mas o Reino de Deus é mais do que isso. Jesus proclamou o crescimento e progresso do Reino em parábolas como a do semeador. Ele também deixou claro em parábolas de julgamento que deveria haver uma culminação do Reino no fim dos tempos. Essa culminação ocorreria na tribulação e no julgamento, porém, mais importante que isso, ela resultaria na vitória total de Deus e seu povo em um reino de justiça e paz na terra.

Jesus não disse nada sobre o milênio. O mesmo ocorreu com Daniel. O Reino deve ser um Reino eterno, e seu governo deve cobrir todas as nações. Young ressalta que no segundo (como também no sétimo) capítulo de Daniel “o reino messiânico é representado como sendo de duração eterna. Por essa razão, não podemos identificá-lo com um milênio de somente mil anos de duração”.²⁵

A apresentação das Escrituras de que o Reino deve ser eterno é um argumento forte contra a hipótese de que deva durar somente mil anos.²⁶

Além disso, o Reino de Deus é mais do que um regime político limitado a uma pequena raça, oprimida como tem sido, exercendo um controlo autocrático sobre todos os outros povos. O Reino de Deus vindouro não se oporá aos princípios da graça que Jesus estabeleceu. O caráter essencial da salvação, do relacionamento pessoal em um viver santo, não será deixado de lado no tempo da consumação. Em vez disso, esse será um tempo em que a mensagem do anjo anunciando o nascimento do Messias se cumprirá — “paz na terra aos homens aos quais ele concede o seu favor” (Lc 2.14, NVI).

Então, Aquele que Isaías chamou de “Príncipe da Paz” (Is 9.6), reinará com justiça, e “a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar” (Is 11.9; Hc 2.14).

2) *O Reino e os reinos.* Um dos problemas mais controversos desse capítulo é a relação do Reino de Deus e sua consumação com os reinos dos homens no fim dos tempos. A teoria do “intervalo” requer a hipótese de um Império Romano “restaurado”, encabeçado por dez reis e finalmente pelo próprio Anticristo, que desaloja três reis. O procedimento desse perverso (iníquo) será especificamente com um Israel reconstituído que o considerará o Messias e se comprometerá com ele por meio de uma aliança. O rei quebra essa aliança irresponsavelmente e volta sua fúria contra Israel. Esses são os **santos** com quem essa pequena **ponta** (chifre) **fazia guerra [...] e os venceu** (21); na verdade, ele **destruirá os santos do Altíssimo** (25); e os aniquilaria se não houvesse uma intervenção divina.

Tanto Keil quanto Young discordam dessa interpretação.²⁷ Ao interpretar o segundo capítulo e esse, Young ressalta que o Deus dos céus estabelece seu Reino, não depois, mas “nos dias desses reis”. Na verdade, o capítulo 2 requer, e o capítulo 7 permite, que esses reinos, de alguma forma, resistam até a consumação final. A imagem do capítulo 2 permanece intacta até que no último estágio é golpeada nos pés. Em 7.12 lemos: **E, quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia, foi-lhes dada prolongação de vida até certo espaço de tempo.** E, em Apocalipse 11.15 lemos: “Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo”. Lemos mais adiante: “e os reis da terra trarão para ela a sua glória e honra” (a Nova Jerusalém, Ap 21.24). Poderia parecer que a existência humana na terra não cessa no tempo da consumação,

nem desaparecem as estruturas sociais da lei e da ordem. Poderíamos concluir que na vinda do verdadeiro Rei à Terra o que é bom no viver humano seria, antes, realçado, em vez de desalojado ou destruído.

Mas, precisamos ir adiante. O reino messiânico não apenas tem um início; ele também chega a uma consumação! Não podemos deixar de reconhecer a importância da unidade essencial dos reinos sucessivos nos símbolos de Daniel.

Há um elo cultural essencial ao longo de todas as eras subseqüentes. Só o fato do destronamento de um imperador não significa que seu povo tenha desaparecido da face da Terra. Eles também não esqueceram as coisas boas e úteis que aprenderam dos seus pais. A pompa e a grandeza da Babilônia foram absorvidas pelo gigantismo da Pérsia, e a civilização sensual e materialista da Pérsia se fundiu com a Grécia. Igualmente notamos que o esplendor da literatura, da arte e da filosofia grega torna os romanos mais gregos do que os próprios gregos. E até o dia de hoje a firmeza das leis romanas e suas estruturas políticas fazem parte da base da civilização ocidental.

Em relação aos dez reis, descritos como dez chifres (partes) do quarto animal, Keil e Young mostram que o número dez não deve ser entendido matematicamente, mas simbolicamente. O número dez significa perfeição e suficiência.²⁸

Uma importante informação acerca desse discurso é provida pela figura do animal no fim dos tempos descrito no Apocalipse. “E eu pus-me sobre a areia do mar e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e, sobre os chifres, dez diademas, e, sobre as cabeças, um nome de blasfêmia. E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés, como os de urso, e a sua boca, como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio” (Ap 13.1-2).

Obviamente, esse animal é uma combinação dos quatro animais de Daniel 7. Todos os elementos de poder, cultura e perversidade estão combinados em um. Parece claro que a manifestação política no fim dos tempos surgirá diretamente das civilizações mundiais e se tornará uma manifestação extremamente perversa.

Mas os santos do Altíssimo receberão o reino e possuirão o reino para todo o sempre e de eternidade em eternidade (18). O fim da história não deverá ocorrer em decorrência de uma explosão atômica ou da destruição do que é bom. O alvo do projeto de Deus é o reino de Deus e a consumação e preservação de tudo o que é bom e belo e verdadeiro e santo.

SEÇÃO III

O APOCALIPSE HEBRAICO

(UMA MENSAGEM PARA O POVO ESCOLHIDO, EM HEBRAICO)

Daniel 8.1—12.13

Keil considera o capítulo 8 o início da segunda parte do livro de Daniel. Ele sugere o seguinte título para essa parte: “O Desenvolvimento do Reino de Deus”.¹ Isso está de acordo com a análise anterior do livro (veja comentários em 1.1-2 e o parágrafo introdutório em 7.1-28).

A. A VISÃO DE DANIEL DE IMPÉRIOS EM GUERRA, 8.1-27

A visão do capítulo 8 retrata o povo de Deus diante da ascensão e queda do segundo e do terceiro império mundial descritos no capítulo 7.

1. *A Guerra do Carneiro e do Bode* (8.1-12)

a) *Ocasão e lugar da visão* (8.1-12). **No ano terceiro do reinado do rei Belsazar.** Haviam passado dois anos (cf. 7.1) desde a visão de Daniel a respeito dos quatro reinos mundiais. Se o exílio de Daniel ocorreu quando ele tinha entre quinze e vinte anos, ele deveria ter agora em torno de 75 anos. Ele havia servido sua geração de forma distinta debaixo do grande rei Nabucodonosor. No governo dos reis subseqüentes, Daniel parece não ter tido a mesma notoriedade pública. Mas ele continuava sendo um homem de Deus e com o passar dos anos havia se tornado mais maduro e sábio. Deus estava prestes a desvendar-lhe os segredos mais preciosos do seu plano para Israel e para a humanidade. O local era **Susã** (2), a **cidadela** (palácio) de verão dos reis da Pérsia,

que ficava a cerca de 300 quilômetros a leste da Babilônia (veja mapa 1). O **rio Ulai** era um canal que conectava os rios Kerkha e Karun.

b) *O carneiro medo-persa* (8.3-4). Na primeira visão de Daniel no capítulo 7, os animais que simbolizavam o poder mundial eram animais selvagens. Agora a disposição da visão muda e dois desses mesmos poderes mundiais aparecem como animais domesticados — um carneiro e um bode. Será que é possível que o Espírito de Deus esteja retratando aqui mais uma importante fase da vida humana e da história, ou seja, o aspecto cultural? Enquanto o capítulo 7 ressalta o poder político das nações, o capítulo 8 destaca as influências culturais. Se concordarmos com essa hipótese, é possível imaginar que esses dois aspectos, provenientes de dois reinos diferentes, convirjam em dado momento em uma manifestação culminante do mal, ou seja, no surgimento do Anticristo.

Qualquer que seja o significado da mudança da natureza dos animais, o carneiro e o bode logo estavam furiosamente em guerra. O **carneiro** aparece primeiro, dando **marradas para o ocidente, e para o norte, e para o meio-dia** (“para o sul”, NVI; v. 4). Keil sugere que a direção das marradas parece indicar que os avanços para o oriente não eram tão estrategicamente importantes comparados com os feitos em outras direções. Tanto Ciro quanto Dario lideraram campanhas bem-sucedidas para o Oriente, em direção à Índia, mas é o seu impacto ocidental que mais seriamente afetou a história.²

O animal de duas pontas (dois chifres), com a segunda crescendo mais que a primeira, claramente sugere a história medo-persa. Ciaxerxes, da Média, era um líder poderoso que se aliou ao caldeu Nabopolassar e seu filho, Nabucodonosor, para derrubar o império assírio em 612 a.C. Ao lado da Babilônia, a Média era um poder dominante dos seus dias. Mas a bravura do talentoso Ciro (que a tradição diz ser o neto de Astiages, rei dos medos) logo se tornou evidente, e ele rapidamente ascendeu até o topo da aliança medo-persa.

A palavra **animais** (*chayywoth*) significa criaturas viventes em geral e podem ser tanto selvagens quanto domesticados. “Nenhuma criatura vivente podia ficar diante dele, e não havia quem pudesse livrar-se do seu poder; e ele fazia o que bem desejava e tornou-se grande” (4, lit.). **E se engrandecia** (*higddil*) não significa aqui “tornar-se arrogante” mas, sim, “fazer grandes coisas”. Isso se repete no versículo 8; cf. Sl 126.2-3: “Grandes coisas fez o SENHOR por nós”.³

c) *O bode grego* (8.5-12). Um novo elemento entra na história com essa cena. Até aqui o centro gravitacional do poder mundial era no Oriente. Agora, pela primeira vez, o Ocidente entra em cena. **Eis que um bode vinha do ocidente sobre toda a terra** (5). O ataque do bode sobre o carneiro foi rápido e avassalador. **E vi [...] irritar-se contra ele [...] e feriu o carneiro** (7); i.e.: “em furor chifrou-o” (Berkeley). **Não houve quem pudesse livrar o carneiro da sua mão**.

1) *O chifre quebrado e seus quatro sucessores*. No apogeu do poder do bode, a **grande ponta foi quebrada** (8) e no seu lugar **quatro** outros chifres (pontas) subiram. O significado aqui claramente se refere a quatro reis e seus reinos que os sucederam.

2) *O pequeno chifre que se tornou grande*. Enquanto Daniel observava, uma coisa impressionante começou a acontecer. Um dos quatro chifres fez brotar **uma ponta mui pequena, a qual cresceu muito** (9). **A terra formosa** era “a terra de Israel” (LP). A

mesma palavra “cresceu muito” (*gaddal*) é usada aqui como nos versículos 4 e 8. Mas o contexto descreve outro tipo de crescimento, um crescimento maligno. O orgulho crescente do desprezível chifre pequeno o faz se exaltar até mesmo contra o **príncipe do exército** (11). Ele procura atacar a Deus ao destruir **alguns do exército** e **estrelas** (10; seus santos).

Muita divergência envolve a identificação do **príncipe do exército**. Alguns têm conjecturado que esse príncipe se refere ao sumo sacerdote Onias, no tempo de Antíoco Epifânio. Outros acreditam ser o Israel de Deus. Será que não poderia ser que aqui vemos mais uma vez o eterno Cristo pré-encarnado, que apareceu a Josué, dizendo: “mas venho agora como príncipe [‘capitão’] do exército do SENHOR” (Js 5.14)? O **príncipe** se refere claramente à autoridade divina que governa sobre os santos de Deus. Quem melhor poderia preencher o papel do Príncipe Ungido preordenado do povo de Deus do que a Segunda Pessoa da Trindade divina?

Para executar seus propósitos profanos, o chifre pequeno pára o **sacrifício** diário e viola a santidade do **santuário** (11). Esse era um tempo em que as restrições contra o mal e os malfeitores foram removidas. “Como resultado, a verdade e a justiça pereceram e o mal triunfou e prosperou” (12, LP).

2. O Significado da Visão (8.13-27)

a) “*Quanto tempo?*” (8.13-14). Deus revelou a Daniel por meio da conversa de seres santos que o tempo do mal não seria prolongado. A pergunta era: **Até quando durará a visão do contínuo sacrifício e da transgressão assoladora, para que seja entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados?** (13). E a resposta veio: **Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado** (14). De que maneira devemos entender essa simbologia de números? Jerônimo apresenta uma interpretação muito simples e sensata:

Se lermos os livros dos Macabeus e a história de Josefo, vamos encontrar registrados lá que [...] Antíoco entrou em Jerusalém e, depois de provocar uma devastação geral, voltou novamente no terceiro ano e ergueu a estátua de Júpiter no Templo. Até o tempo de Judas Macabeu [...] Jerusalém ficou devastada por um período de seis anos, e por três anos o Templo ficou maculado — totalizando dois mil e trezentos dias mais três meses.⁴

b) *Gabriel, o mensageiro de Deus* (8.15-19). Daniel ficou profundamente assombrado com a visão que teve, mas ele rapidamente encontrou uma resposta quando se apresentou diante dele um ser na **semelhança de homem** (15) — um mensageiro especial enviado por Deus. Era **Gabriel** (16) que apareceu, anunciado pela **voz de homem**. Acerca de **margens do Ulai**, cf. comentários do versículo 2.

Gabriel (hb., “Deus mostrou-se poderoso”) é bastante conhecido nas Escrituras. Ele era o mensageiro de Deus para Daniel (8.16; 9.21) e o mensageiro da anunciação do nascimento de João Batista, bem como do nascimento de Jesus (Lc 1.9, 26). Ao idoso Zacarias, Gabriel explica sua posição: “Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te e dar-te estas alegres novas” (Lc 1.19).⁵

Em seu terror diante da presença do anjo, Daniel escreve: “caí prostrado [...] Enquanto ele falava comigo, eu, com o rosto em terra, perdi os sentidos. Então ele tocou em mim e [...] disse: ‘Vou contar-lhe o que acontecerá depois [...] pois a visão se refere ao tempo do fim’” (17-19, NVI).

c) *A interpretação* (8.20-27).

1) *O carneiro — medo-persa* (8.20). A identificação dessa criatura turbulenta é direta e inequívoca. Trata-se da **Média** e da **Pérsia** (20), em sua ascensão ao poder. Ciaxerxes, o grande líder medo dos dias de Nabucodonosor, tinha levado seu país ao poder e prestígio. Com a Lídia a noroeste, a Média tinha sido um dos aliados vitoriosos dos babilônios na subjugação da Assíria. Na época da queda de Nínive, em 612 a.C., a Pérsia era um pequeno e insignificante país ao sul e leste da Média e do Elão. Mas quando o jovem gênio Ciro surgiu, ele se moveu rapidamente para controlar toda a terra. Seus aliados e parentes eram os medos.

Jerônimo compartilha o que sabe acerca do relacionamento entre os persas e os medos citando Josefo:

Dario, que destruiu o império dos babilônios com a cooperação do seu parente Ciro — porque ambos conduziram a guerra como aliados — estava com sessenta e dois anos quando capturou a Babilônia [...] Quando a Babilônia foi derrotada, Dario retornou ao seu próprio reino na Média e levou Daniel na mesma posição de honra que recebera de Belsazar. Não há dúvidas de que Dario ouviu falar do sinal e prodígio que havia ocorrido com Belsazar, e também da interpretação de Daniel e como ele tinha profetizado acerca do governo dos medos e persas. Assim, ninguém deveria se preocupar com o fato de estar escrito em um texto que Daniel viveu no reinado de Dario e em outro que ele viveu no reinado de Ciro. A Septuaginta traz Artaxerxes em vez de Dario [...] E assim, foi no governo desse Dario que matou Belsazar que ocorreram os eventos aos quais estamos nos referindo.⁶

2) *O bode peludo da Grécia* (8.21-22). **O bode peludo é o rei da Grécia; e a ponta grande que tinha entre os olhos é o rei primeiro** (21). Essa descrição parece a de Alexandre, o Grande, da Macedônia. Sua estratégia brilhante o ajudava a derrotar seus inimigos rapidamente. Em Tebas, ele conquistou o Egito. Em Jerusalém, o sumo sacerdote e sua comitiva abriram as portas para ele e receberam um tratamento favorável pela ação prudente deles. Duas vezes no seu caminho para o norte e leste encontrou-se com os exércitos da Pérsia. Finalmente, na planície de Arbela, na Síria, ele matou Dario III e espalhou seus exércitos. Aonde Alexandre ia, era bem recebido, ou por aclamação ou por meio de vitórias fáceis, até que, finalmente, se encontrou na fronteira da Índia, à beira do rio Indo. Nesse primeiro encontro agressivo do Oeste com o Leste, o Oeste saiu vitorioso de maneira gloriosa e mudou a face da história e as correntes da cultura por dois milênios e meio.

O império de Alexandre foi o mais frágil e o de menor duração. Semelhantemente a um meteoro, esse império lampejou pelo céu da história e explodiu em fragmentos. Esses fragmentos eram **quatro reinos** visíveis (22) ocupados por quatro dos seus generais mais rígidos. A Macedônia e a Grécia foram tomadas pelo meio-irmão de Alexandre, Filipe Arideu.

A Ásia Menor ficou com Antígono. O Egito foi para Ptolomeu, filho de Lagos. E a Síria, a Babilônia e todos os reinos ao leste até a Índia se tornaram o domínio de Seleuco Nicanor.

3) *O impetuoso e vil “pequeno chifre”* (8.9-12, 23-25). A maior parte dos intérpretes tem notado a diferença evidente entre a **ponta mui pequena** (“pequeno chifre”, ARA, NVI) desse capítulo e a do capítulo 7. Esse chifre surge de um dos quatro chifres enormes. O pequeno chifre do capítulo 7 surge entre os dez e abate três. Esse chifre é um produto do terceiro reino. O chifre pequeno do capítulo 7 provém do quarto reino.

Quase que sem exceção os intérpretes concordam em que, independentemente de quem seja o pequeno chifre do capítulo 7, se o Anticristo ou outro, o pequeno chifre do capítulo 8 é Antíoco Epifânio.

Mas, tão clara quanto é a imagem de Antíoco aqui, oculta-se no pano de fundo uma outra, a do temerário Anticristo. Jerônimo aponta para esse fato e sugere que Antíoco é um tipo do Anticristo, como Salomão era de Cristo, o Ungido.

A interpretação de Gabriel apóia essa posição. Lemos: **Esta visão se realizará no fim do tempo** (17). **No determinado tempo do fim** (19). **Mas, no fim do seu reinado, quando os prevaricadores acabarem** (23). Essa última passagem nos lembra da referência de Paulo ao “homem do pecado, o filho da perdição” (2 Ts 2.3), que identificará o tempo do fim.

4) *O segredo de Daniel* (8.26-27). A reação do profeta revela o profundo impacto espiritual e emocional que essa revelação tem sobre ele. **E eu, Daniel, enfraqueci e estive enfermo alguns dias** (27). Em seu coração queimava o segredo que ele deve “trancar” para tempos futuros. Mas esse servo de Deus tinha um chamado. Ele não se deixou esmorecer diante desses sonhos. **Então, levantei-me e tratei do negócio do rei; e espantei-me acerca da visão, e não havia quem a entendesse** (27).

B. INTERCESSÃO DE DANIEL POR ISRAEL, 9.1-27

Já próximo do término da sua jornada terrena vemos Daniel empenhado em uma das batalhas cruciais da sua vida. Lembramo-nos da declaração de Paulo acerca da natureza da oração: “Porque não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Ef 6.12).

1. A Ocasão da Oração de Daniel (9.1-3)

Uma mudança no governo trouxe à mente de Daniel a convicção aguda de que alguma mudança providencial de grandes proporções estava para acontecer com o remanescente do seu povo no exílio. O reino dos caldeus tinha chegado ao fim com a queda da Babilônia (5.30-31). O governo dos persas e seus aliados medos o tinha destituído. Se **Dario**, que **foi constituído rei sobre o reino dos caldeus** (1), era, na verdade, o parente idoso do persa Ciro, a situação política continuava instável. O equilíbrio do poder estava passando da Média para a Pérsia. Ciro, dentro de dois anos, assumiria a liderança civil e militar.

Mas Daniel estava acima do cenário secular. Ele entendeu **pelos livros [...]** que **falou o SENHOR** (2). Daniel estava ciente de quão minuciosamente exato havia sido o cumprimento das advertências que Deus tinha dado ao seu povo. Ele tinha passado pelos dias angustiantes de calamidade descritos detalhadamente em Levítico 26.14-35. O castigo imposto por causa da negligência dos anos sabáticos estava ficando claro. A promessa de Deus de misericórdia e restauração baseadas na aliança que Ele havia feito com os pais (Lv 26.40-45), com a condição indispensável de arrependimento, continuava valendo. Deus estava aguardando a reação do povo. Então Daniel lembrou da referência profética alarmante de Jeremias em relação a uma série de ciclos sabáticos que culminava naqueles dias: “Porque assim diz o SENHOR: Certamente que, passados setenta anos na Babilônia, vos visitarei e cumprirei sobre vós a minha boa palavra, tornando-vos a trazer a este lugar” (Jr 29.10; cf. 29.11-13; 2 Cr 36.12). Ele sabia que o tempo estava próximo e sabia exatamente o que deveria fazer. Na profecia de Jeremias, Daniel descobriu o plano de Deus para a época em que vivia.

A seriedade da luta na oração de Daniel pode ser percebida na seguinte frase: **E eu dirigi o meu rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração, e rogos, e jejum, e pano de saco, e cinza** (3).

Aqui estava um homem empenhado em uma busca profunda e sincera pela ajuda divina. Calvino observa que “quando Deus promete algo singular e valioso, devemos estar alertas e sentir essa expectativa como um estímulo aguçado”. Calvino então ressalta que o uso do pano de saco, da cinza e do jejum por Daniel, foi usado, não como obras meritórias para alcançar o favor de Deus, mas como auxílio para aumentar o ardor na oração. “Assim, observamos que Daniel fez o uso correto do jejum, não desejando agradar a Deus por meio dessa disciplina, mas em conferir-lhe mais seriedade em suas orações”.⁷

Em Daniel 9.1-3, encontramos os “Fatores da Oração Eficaz”: 1) Um coração aberto para “a palavra do SENHOR” (2a, NVI). 2) Uma convicção esmagadora de que o tempo de Deus é agora (2b). 3) A observância das disciplinas da oração insistente (3).

3. *Oração de Confissão de Daniel* (9.4-14)

Quando Daniel se engajou nesse ministério da intercessão ele fez o que cada verdadeiro intercessor deveria fazer. Ele identificou-se com aqueles por quem estava intercedendo. Os pecados do seu povo eram os seus pecados. A aflição deles era a sua aflição. O castigo deles era o seu castigo, plenamente merecido. Ele não se colocou acima do seu povo, julgando-o de uma posição exaltada. É verdade que Daniel pessoalmente não era um rebelde idólatra contra Deus. Mas ele escolheu descer ao vale da humilhação onde estava seu povo errante e tomou a culpa e vergonha deles sobre si. Isso ilustra de forma vívida o estado do nosso Senhor ao levar sobre si os pecados de um mundo perdido! Quão claramente isso sugere a todos que entram na comunhão do seu sofrimento que devemos de uma maneira real identificar-nos com o pecador que apresentamos diante do trono da graça!

Ao aproximar-se de Deus, Daniel teve uma clara visão da natureza do caráter de Deus, cuja face buscava. Deus era pessoal e acessível, porque Daniel se dirigiu a Ele como **meu Deus** (4). Ele também era soberano e santo, **Deus grande e tremendo**. Deus era fiel, que guarda **o concerto e a misericórdia para com os que o amam**.

A confissão de Daniel era mais do que generalizações e chavões. Ele foi específico ao abrir os horrores do pecado do seu povo. Existe um significado profundo nos quatro termos hebraicos que Daniel usa para descrever o mal de Israel. **Pecamos** (5; *chata*) significa dar um passo em falso ou afastar-se do que é justo. **Cometemos iniquidade** (*'awah*) se aprofunda nos motivos; **iniquidade** implica em ser perverso. **Procedemos impiamente** (*rasha'*) significa proceder mal em rebelião contra Deus. **Fomos rebeldes, apartando-nos dos teus mandamentos**, serve para reforçar esse terceiro termo. **Confusão do rosto** (7 e 8) significa vergonha ou ignomínia.

O pecado de Israel era muito mais sério do que algum tipo de erro superficial. Era uma maldade profundamente enraizada que controlava as ações de maneira perversa. Essa maldade tinha fechado os ouvidos e cegado os olhos e endurecido os corações do rei e do povo de tal forma que os esforços de Deus para influenciá-los por meio dos seus servos, os profetas, foram em vão. Deus é justo e santo. Os homens são maus e corruptos. Deus é misericordioso e gracioso. O povo é rebelde e teimoso. Os julgamentos de Deus são justos. A adversidade de Israel é merecida; ela é simplesmente o cumprimento exato do **juramento que está escrito na Lei de Moisés, servo de Deus** (11). A maldade do homem serve para ressaltar a justiça de Deus.

3. A Oração de Súplica de Daniel (9.15-19)

A luz da santidade não ofuscada de Deus e diante da crescente maldade do seu povo, restava a Daniel apelar para a misericórdia divina. Qualquer esperança que Israel pudesse ter para restauração ou salvação não podia estar baseada no mérito. Ela deveria estar fundamentada somente na graça. Assim, mesmo antes da era da graça, temos um vislumbre da manifestação da graça divina. **Ó SENHOR, segundo todas as tuas justiças, aparte-se a tua ira e o teu furor [...] por causa dos nossos pecados e por causa das iniquidades de nossos pais, tornou-se Jerusalém e o teu povo um opróbrio para todos os que estão em redor de nós** (16).

Então a impertinência de Daniel quebra todas as barreiras e transborda os canais do poder da palavra. **Inclina, ó Deus meu, os teus ouvidos e ouve; abre os teus olhos e olha [...] Ó SENHOR, ouve; ó SENHOR, perdoa; ó SENHOR, atende-nos e opera sem tardar; por amor de ti mesmo, ó Deus meu** (18-19).

Certamente temos aqui um exemplo em que “a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos” (Tg 5.16).

Nos versículos 15-19, encontramos “Abordagens Apropriadas na Oração de Petição”. 1) Lembre-se das antigas bênçãos de Deus (15a). 2) Confesse sua própria indignidade (15b, 16b). 3) Ore persistentemente (19a). 4) Peça em nome da bondade de Deus e no interesse do seu Reino (16 a, 17-18, 19b) — A. F. Harper.

4. A Resposta de Deus (9.20-27)

a) *O anjo mensageiro Gabriel* (9.20-23). Semelhantemente à luz clara que ilumina o pano de fundo sombrio de uma nuvem tempestuosa sobrecarregada, a resposta de Deus irrompeu sobre Daniel no meio da sua oração desesperada. Um dos mensageiros de Deus, cujas ministrações Daniel já havia experimentado (8.16), veio velozmente até ele. Esse era **Gabriel** (21), o mensageiro das revelações especiais de Deus (Lc 1.19, 26).

O coração de Daniel deve ter experimentado um conforto indescritível ao ouvir a promessa de Deus: “Daniel, agora vim para dar-lhe percepção e entendimento” (22, NVI). Então Gabriel informou-o que desde o início da sua oração Deus estava ouvindo e respondendo. As “rodas” da história já estavam começando a girar para cumprir aquilo que Daniel estava pedindo — e mais. Então, para fazer culminar a mensagem de conforto, ele deu a Daniel um testemunho do interesse pessoal de Deus: **porque és mui amado** (23). Nesse contexto, somos lembrados da narrativa de Lucas acerca de um Intercessor maior em sua agonia no jardim chamado Getsêmani, ao qual, em sua agonia, “apareceu-lhe um anjo do céu, que o confortava” (Lc 22.43).

b) *A revelação das setenta semanas* (9.24-27). De modo estranho, a mensagem de explicação que Gabriel trouxe a Daniel parece não se restringir ao assunto imediato da oração do profeta. Ele havia refletido acerca da profecia de Jeremias dos setenta anos e sobre o fato de que o término desse tempo estava próximo. Esse cumprimento, de fato, ocorreu por intermédio do decreto de Ciro, não muito tempo depois. Os judeus estavam livres para voltar a Jerusalém. Mas na mensagem que Gabriel trouxe, mais uma porta de percepção profética se abre em uma dimensão mais ampla em torno do propósito de Deus, não somente para Israel, mas para o mundo. Essa dimensão mais ampla de revelação diz respeito à obra e ao reino do Messias. Esse assunto tinha sido introduzido em visões e sonhos anteriores, como na grande imagem de Nabucodonosor (2.44-45) e na visão dos quatro animais por Daniel (7.13-14). Mas aqui a mensagem vem de outro anjo e em maiores detalhes.

1) *O ministério e o tempo do Messias* (9.24-25). Alguns intérpretes limitam o escopo das **setenta semanas** ao povo de Israel, à terra da Palestina e à cidade de Jerusalém. Parece que para essa terra e esse povo há uma relevância especial nessa mensagem porque a primeira parte da frase diz: **Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade** (24). Mas, à medida que a mensagem se desenvolve, torna-se claro que essa frase tem uma conotação inclusiva e não exclusiva. O plano de Deus por meio do Messias é, de fato, para Israel, e os eventos da redenção ocorrem na Palestina e em Jerusalém. Mas na salvação de Israel está incluída a salvação de todos (Rm 11.1, 11-12, 25-26). Porque a salvação somente ocorre por meio de Cristo, quer seja judeu, quer gentio.

a) *A sêxtupla obra do Messias* (24). Dentro da totalidade das **sete semanas** simbólicas deve ocorrer uma obra completa de redenção. Parece que em relação ao tempo, essa obra se estenderá mesmo além das desolações, “até a consumação” (27), isto é, até o fim desse mundo. Além disso, visto que a chave dessa passagem é o Messias, é evidente que essa obra é a obra do Messias.

Encontramos seis aspectos da obra de redenção do Messias no versículo 24:

1. **Acabar com a transgressão**
2. **Dar fim ao pecado**
3. **Operar a reconciliação devido à iniquidade**
4. **Trazer uma justiça eterna**
5. **Selar a visão e a profecia**
6. **Ungir o Santo dos santos**

Os três primeiros aspectos têm que ver com a conquista do pecado. Os últimos três têm que ver com os aspectos positivos em completar a redenção; trazer todas as coisas para todo sempre debaixo do governo justo de Deus; **selar a visão e profecia** ao cumpri-las; e **ungir o Santo dos santos**, o santuário celestial que é o antítipo do Santo dos santos terreno.

Keil afirma o seguinte:

Também devemos associar esse sexto aspecto (ungir o Santo dos santos) ao tempo da consumação e entendê-lo como o estabelecimento do novo Santo dos santos que foi mostrado ao vidente santo em Patmos como “o tabernáculo de Deus com os homens”, no qual Deus habitará com eles, “e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus” (Ap 21.1-3). Nessa cidade santa, não haverá templo, porque o Senhor, o Deus Todo-poderoso, e o Cordeiro serão o seu templo e a glória de Deus a iluminará (22-23). Nela não entrará coisa alguma que contamine ou cometa abominação (27), porque o pecado então será fechado e selado; lá habitará a justiça (2 Pe 3.13), e a profecia cessará (1 Co 13.8) com o seu cumprimento.⁸

b) O advento do Messias e a expectativa profética (25). Mesmo sendo as palavras entendidas de diversas maneiras, **desde a saída da ordem [...] até ao Messias, o Príncipe**, serão **sete semanas e sessenta e duas semanas**. Existe concordância no seguinte: No tempo da primeira vinda de Cristo havia uma expectativa sem precedentes pela vinda do Messias. Os documentos da comunidade de Qumrã encontrados nas cavernas próximas ao mar Morto, com sua elevada ênfase no aspecto apocalíptico, confirmam isso. João Batista não foi o primeiro da sua época a chamar a atenção do povo para que se preparasse para a vinda do Messias. E, de onde será que os magos do Oriente souberam que nasceria um Rei em Judá em um tempo determinado? A estrela sozinha dificilmente teria sido suficiente sem uma certa tradição ou ensino que serviria de base para um tempo aproximado para a vinda do Rei. Esses homens vieram do país onde habitava Daniel, no qual essas semanas e anos eram conhecidos e discutidos.

Assim, podemos estar certos de que a mensagem mística de Gabriel, expressa em termos de tempos e números, fez com que corações anelassem com esperança e expectativa pelo seu cumprimento, muito tempo após a morte de Daniel. Porque o Príncipe-Messias, o Sacerdote e Líder Ungido, era a Esperança de Israel e do mundo.

2) As semanas simbólicas (9.25-27). As setenta semanas de Daniel têm gerado uma interminável sucessão de sistemas de interpretação. Talvez não haja outro assunto nas Escrituras que tenha ocasionado maior variedade de opiniões.

Young esboça quatro escolas de interpretação principais, fato revelador da divergência de pontos de vista:

a) A Interpretação Messiânica Tradicional. Essa teoria afirma que as setenta semanas profetizam acerca da primeira vinda de Cristo, especialmente sua morte, e culmina com a destruição de Jerusalém. Agostinho foi o primeiro que descreveu essa interpretação. Alguns dos estudiosos conhecidos que concordam com essa interpretação são: Pusey, Wright e Wilson. Young também apóia essa teoria.

b) *A Interpretação Liberal*. Essa teoria considera que as setenta semanas não são exatamente uma profecia mas uma descrição dos dias de Antíoco Epifânio e sua derrota para os macabeus. O Messias é identificado como o sumo sacerdote Onias, que foi morto por causa da sua rebeldia contra Antíoco.

c) *A Interpretação da Igreja Cristã*. Essa teoria entende que o número sete não dever ser entendido como um número exato de semanas de anos, mas, sim, números simbólicos que cobrem o período desde o decreto de Ciro para repatriar os judeus até o primeiro advento e morte do Messias, chegando até o tempo do Anticristo e sua destruição no tempo da consumação.

d) *A Interpretação do Intervalo*. Nesse caso, setenta setes de anos são divididos em períodos de sete setes, sessenta e dois setes e um sete final separado do restante por um intervalo indefinido ou hiato. Os sessenta e nove setes cobrem o período até a primeira vinda e a morte do Messias e a destruição de Jerusalém. O último sete é o período do Anticristo no final dos tempos.⁹

A maioria dos intérpretes desde os dias de Jerônimo, exceto aqueles da escola liberal, entendem os 70 setes como semanas de anos, totalizando 490. Jerônimo escreveu: “O próprio anjo especificou setenta semanas de anos, isto é, 490 anos desde a publicação da palavra para que a petição seja concedida para a reconstrução de Jerusalém. O intervalo específico começou no vigésimo ano de Artaxerxes, rei da Pérsia, porque foi seu copeiro Neemias que [...] pediu ao rei e obteve sua permissão para a reconstrução de Jerusalém”.¹⁰

Se aceitarmos o ano 454 a.C., como o vigésimo ano do reinado de Artaxerxes e calcularmos os sete mais 62 setes, isto é, 69 setes ou 483 anos, chegamos ao ano 29 d.C. Esse é o ano do apogeu do ministério de Jesus. Na primavera daquele ano Ele apareceu em Jerusalém como Messias e Príncipe, montado num jumento acompanhado por uma multidão eufórica (Zc 9.9; Mt 21.5).

Mas Calvino insiste em que a contagem deve começar com o decreto de Ciro para o retorno dos exilados a Jerusalém, dessa forma conectando a profecia de Jeremias de 70 anos às 70 semanas de Daniel.¹¹ Dessa forma, Calvino identifica o batismo de Cristo como o tempo da sua manifestação. Isso quer dizer que o total dos anos não é coincidente, visto que mais de 530 anos ficam entre o decreto de Ciro em 536 a.C. e o nascimento de Jesus em 4 a.C., além de 30 anos adicionais até o seu batismo. Até a morte de Jesus em 29 d.C., o tempo seria estendido para 565 anos. Calvino não acha que isso seja importante.

Young concorda com Calvino e acredita que o número exato de anos não é importante visto que são simbólicos e não cronológicos. Ele diz:

“Setenta grupos de sete” — $7 \times 7 \times 10$ — é o período no qual a obra divina de importância maior é trazida à perfeição. Conseqüentemente, visto que esses números representam períodos de tempo, a duração dos quais não é mencionada, e visto que são simbólicos, não é justificável procurar descobrir a duração exata dos setes. Portanto, não é possível descobrir ou determinar a duração de tempo nesse caso, nem em qualquer um dos outros grupos de sete...

Uma coisa, no entanto, deve ficar clara. De acordo com Daniel, a questão importante não é o início e o fim desse período, mas os eventos marcantes que ocorreram durante o mesmo.

...Nós acreditamos [...] que quando os setenta setes foram completados, os seus propósitos do versículo 24 também foram cumpridos. E é isso que realmente importa. Quando Jesus Cristo ascendeu ao céu, a salvação poderosa que Ele veio realizar foi, na verdade, cumprida.¹²

Keil também apóia a interpretação simbólica dessa medida de tempo. “Pela definição desses períodos de acordo com a medida simbólica de tempo, o cálculo da duração real dos períodos citados vai além do alcance da nossa compreensão humana finita, e a definição dos dias e horas do desenvolvimento do Reino de Deus até a sua consumação é reservado para Deus, o Regente do mundo e o Soberano do destino humano”.¹³

Mas onde Keil entende que as setenta semanas cobrem a história do Reino de Deus até a consumação no fim dos tempos, Young acredita que a morte do Messias (26) culmina não somente com as 69 semanas mas também com a septuagésima semana. O **concerto** que é firmado **com muitos** (27) é o evangelho que Cristo proclamou, e sua crucificação **na metade da semana** coloca um fim à validade de todos os outros sacrifícios e ofertas. Além disso, tornou o Templo que era dedicado a esse sacrifício uma abominação. A desolação que veio sobre o Templo e a cidade de Jerusalém sob o comando de Tito foi apenas uma ratificação exterior da desolação interior que já se havia apossado deles.

No entanto, outros insistem em que os anos das 70 semanas devem ser entendidos de forma literal. Pusey entende que o ano 457 a.C. é a base de onde ele começa seus cálculos e interpretações da semana 7 até a 62, 483 anos. Essa data, diz ele, é o tempo da primeira autorização de Artaxerxes Longimanus dada a Esdras para retornar a Jerusalém.¹⁴ Isso nos levaria até o início do ano 27 d.C., o tempo do batismo de Jesus no Jordão e a ocasião da sua unção pelo Espírito Santo. A primeira parte da septuagésima semana de anos é ocupada com o ministério público de Jesus. Sua “morte” vem no meio dessa semana crucial depois de três anos e meio. Por mais três anos e meio o evangelho é pregado exclusivamente aos judeus até que na casa de Cornélio a porta da oportunidade é aberta aos gentios e termina o privilégio especial de Israel. No devido tempo seguem a destruição do Templo e a devastação de Jerusalém.

Seiss, Gabelein e outros da escola dispensacionalista também encontram uma perspectiva exata para as 70 semanas. A característica particular dessa interpretação é o hiato ou intervalo entre o término da semana 69, quando o Messias é morto e o início da septuagésima semana, que é reservada para o fim dos tempos e o reino do Anticristo. O **príncipe [...] que virá** (26) não é o **Messias, o Príncipe** (25), mas o “pequeno chifre” do capítulo 7. O **concerto** que ele confirma (27) é um pacto traiçoeiro por meio do qual ele consegue o favor do povo judeu. Depois de três anos e meio, **na metade da semana**, ele rejeita o pacto, bane a religião e abre as comportas para uma torrente de maldade desenfreada que constitui o “tempo de angústia” (12.1).

C. UMA VISÃO CELESTIAL DE CONFLITOS TERRENOS, 10.1—12.13

A maioria dos intérpretes concorda em que os últimos três capítulos do livro de Daniel constituem uma unidade. Keil descreve os conteúdos dessa seção como “A Revelação das Aflições do Povo de Deus Infligidas pelos Governantes do Mundo até a

Consumação do Reino de Deus”.¹⁵ Essa seção não está em forma de sonho ou visão. Ela é uma revelação, que vem diretamente a Daniel por intermédio de um Ser celestial que age como o Mediador da verdade. A expressão **foi revelada uma palavra a Daniel** (10.1) contém a palavra *niglah*, a forma passiva do verbo que significa “desvendar, manifestar, revelar”. Essa manifestação culminante experimentada por Daniel veio a ele na forma mais elevada de revelação, através do encontro direto com a deidade. Keil descreve essa experiência como uma teofania, uma manifestação ou aparição de Deus.

O desvendar que Daniel viu trouxe uma realização gloriosa do poder divino. Ao mesmo tempo revelava uma cena de conflito trágico ao longo das épocas. Moffatt traduz o primeiro versículo do capítulo 10 da seguinte forma: “Uma revelação foi feita a Daniel [...] a verdadeira revelação de um grande conflito”. A KJV traduz essa parte assim: “a coisa era verdadeira, mas o tempo era prolongado”.

Essa revelação em um sentido especial pertence ao povo de Israel, estendendo-se mesmo até o fim dos tempos. Em 10.4 lemos: **Agora, vim para fazer-te entender o que há de acontecer ao teu povo nos derradeiros dias.**

1. A Visão de Daniel do Ser Celestial (10.1—11.1)

a) *A vigília de Daniel* (10.1-3). Pelo menos quatro anos haviam se passado desde a experiência de Daniel com Gabriel. Naquela época, Dario, o medo (veja comentários em 6.1-28), estava servindo como rei interino na Babilônia. Agora **Ciro, rei da Pérsia** (1; veja **Quadro B**) estava no seu terceiro ano. Daniel, que a essa altura devia estar com mais de noventa anos, passou um longo período em oração. Novamente, ele estava se dedicando à oração, mas também ao jejum. **Eu, Daniel, estive triste por três semanas completas** (2). “Não comi nada saboroso, não provei carne ou vinho, nem me ungi” (3, Moffatt). Esse tipo de persistência não falharia em abrir os portais dos lugares celestiais.

b) *A aparência do Ser celestial* (10.4-11). O que se segue é o desvendar de um Ser glorioso a Daniel que nos faz lembrar o que o Apóstolo João viu na ilha de Patmos (Ap 1.10-20). Ao lado do rio **Hidéquel** (4; Tigre), Daniel viu um **homem vestido de linho** (5). Ali em Patmos, João viu alguém semelhante a um Filho do Homem vestido até aos pés de uma veste comprida. Ambos estavam **cingidos com ouro**. Ambos brilhavam da cabeça aos pés com uma luz sobrenatural. Ambos tinham **olhos** como chamas que brilhavam e falavam **como a voz de uma multidão** (6). A Pessoa que João viu identificou-se da seguinte forma: “Sou Aquele que Vive. Estive morto mas agora estou vivo para todo o sempre” (Ap 1.18). Quem poderia duvidar que Daniel viu em uma situação diferente o mesmo Ser, a Palavra Eterna?¹⁶ **E só eu, Daniel, vi aquela visão** (7), embora seus companheiros estivessem atemorizados por causa da luz e do som.

O efeito sobre Daniel e João foi idêntico. **Não ficou força em mim** (8), Daniel confessou. “Caí a seus pés como morto” (Ap 1.17), registra João. O limite da capacidade de absorver a revelação celestial excedeu em ambos os casos. “Ao ouvir o som das suas palavras caí inconsciente com o meu rosto em terra” (9, Berkeley). Embora o profeta desmaiasse com **a voz** da mensagem, ele foi restabelecido à plena consciência quando a

mensagem de Deus foi transmitida a ele. **E eis que uma mão me tocou** (10), testemunha Daniel. Além do toque fortalecedor, ele ouviu uma palavra confortadora: **Daniel, homem mui desejado** (“muito amado”, ARA). Que palavra mais encorajadora poderia vir dos lábios divinos?

c) *O Príncipe da Paz e os príncipes terrenos* (10.2—11.1). Mais uma palavra confortadora vem da experiência de Daniel. O Senhor que cuida presta atenção às nossas orações. Três semanas Daniel esteve orando em santo desespero. Porventura Deus o tinha ouvido? O Ser resplandecente fala: **Não temas, Daniel, porque, desde o primeiro dia [...] são ouvidas as tuas palavras; e eu vim por causa das tuas palavras** (12).

Enquanto João viu o Filho do Homem no meio do castiçal, no âmbito da Igreja, Daniel viu o “homem vestido de linho” no meio de uma batalha com governos terrenos. O mesmo Cristo eterno, que veio para ser revelado à Igreja e por meio dela, também tem se preocupado com o curso da história humana.

Não sabemos exatamente o que significavam as três semanas de luta com o **príncipe do reino da Pérsia** (13) e qual foi a possível consequência dessa luta. Deve ter sido difícil e intensa para que **Miguel** viesse ajudá-lo. A maioria dos intérpretes entende que **príncipe** (*sar*) usado nesse texto refere-se a seres sobrenaturais que tinham uma influência importante sobre as nações. **Visto que o príncipe dos persas** bem como o **príncipe da Grécia** (20) estavam em conflito com o Ser glorioso e seu ajudante, Miguel, parece evidente que pelo menos alguns desses não são anjos.

Uma das responsabilidades especiais do arcanjo Miguel é o bem-estar do povo de Israel. Chamado em 10.13 como **um dos primeiros príncipes**, ele é conhecido em 10.21 como **Miguel, vosso príncipe**. Judas 9 nos relata que foi “o arcanjo Miguel” que “contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés”. Novamente João nos conta que Miguel e suas hostes celestiais batalharão contra o dragão e o expulsarão das regiões celestiais (Ap 12.7-9). Esse príncipe, um dos príncipes mais elevados do céu, sujeito ao Redentor de Israel, tem um importante papel sobre o destino de Israel. Daniel o viu nessa ocasião como “alguém que parecia um homem mortal” (16, Moffatt).

Além de o Anjo de Javé revelar uma batalha que trava pela vontade e as decisões de Ciro e antever um conflito com o **príncipe da Grécia** (20), Ele revela que **no primeiro ano de Dario**, rei dos medos, Ele levantou-se para **animar e fortalecer** Daniel (11.1). Dessa forma, o Príncipe da Paz luta com os príncipes da terra para alcançar seus propósitos.

Em 10.2-19, observamos “O Toque de Deus”, com ênfase no versículo 19. 1) O toque de Deus vem quando o buscamos de todo coração (2-3). 2) O toque de Deus vem quando Ele se torna mais real para nós (5-6, 10-12). 3) O toque de Deus traz uma visão nova para a nossa tarefa (14). 4) O toque de Deus nos anima e fortalece (15-19) — A. F. Harper.

2. O Conflito das Eras (11.2—12.3)

Essa seção de Daniel tem sido objeto de disputa desde os dias de Porfírio. A descrição detalhada dos eventos que ocorreram nos anos seguintes após a morte de Alexandre, o Grande, tem levado os críticos a especular uma data bem posterior para todo o livro de Daniel, mais precisamente na época dos reis selêucidas (312-64 a.C.), particularmente nos dias de Antíoco Epifânio.

a) *As lutas entre a Pérsia e a Grécia* (11.2-4). A sucessão de reis brevemente descritas nessa seção da mensagem vai desde o reinado de Ciro, passando pelo ápice e queda do império persa, até Alexandre e o desmoronamento do seu reino.

Embora doze reis persas tivessem reinado (incluindo um impostor, Pseudo-Smirdes), **três** foram escolhidos, antes que se levantasse um **quarto** rei de grande prosperidade. Esse rei geralmente é identificado como Xerxes I (Assuero, Et 1.1), o marido de Ester e um dos monarcas persas mais prósperos. Foi ele que instigou **todos contra o reino da Grécia** (2). Ele reuniu uma gigantesca força de infantaria, cavalaria, carros de guerra e navios. Estima-se que cerca de cinco milhões de homens se engajaram nessa guerra. Apesar desse imenso poderio bélico, os valentes gregos os venceram nas batalhas cruciais de Termópilas e Salamina. Embora outras campanhas militares tenham acontecido, nenhuma se igualou a essa e o poder da Pérsia declinou até sua derrota final sob Dario III.

A identificação de Alexandre, o **rei valente** (3), que se levanta e reina **com grande domínio**, é bastante clara. Daniel anteviu que **seu reino será quebrado e será repartido para os quatro ventos do céu** (4) e ele não deixará **posteridade** para segui-lo. Os quatro generais de Alexandre dividiram o reino e propagaram a helenização nas terras que governavam, a ponto de a cultura grega prevalecer por toda parte.

Dessa forma, essa seção da profecia é claramente uma ampliação da visão do capítulo 8. Mas nesse ponto o foco muda drasticamente para uma visão precisa do conflito nas terras que circundavam a terra da aliança.

b) *As tribulações de Israel e as nações* (11.5-35). A profecia até aqui tem se concentrado grandemente nos reinos gentílicos. Nesse ponto, o povo de Deus torna-se o foco principal em um tempo de intenso sofrimento. As profecias dizem respeito basicamente ao período intertestamentário, entre o retorno do exílio e o nascimento de Jesus. Primeiramente, Israel é apanhado no meio de duas forças opositoras, os reis do Sul e os reis do Norte (5-28). Então, de maneira trágica, o remanescente de Israel torna-se o alvo de um ataque concentrado feito por um rei vil e traiçoeiro (29-35).

Os reis **do Sul** (5) eram os ptolomeus, sucessores de Ptolomeu Soter, o general de Alexandre no Egito (veja mapa 1). Desde o colapso do império alexandrino, em 323 a.C., esses reis lutaram pelo poder e territórios com os seus vizinhos mais próximos. Esses eram os reis **do Norte** (6), os selêucidas, sucessores de Seleuco I, que governou grande parte da Ásia Menor, Síria e os antigos territórios babilônicos e persas (veja mapa 1). Por 125 anos a Palestina e a Fenícia estiveram debaixo do poder dos ptolomeus. O casamento de um selêucida, Antíoco II, com **a filha do rei do Sul** (6; Berenice, filha de um Ptolomeu) levou apenas a mais guerras, ao assassinato de Berenice e seu filho e à vingança sangrenta promovida pelo seu irmão (7-9). A subjugação da Palestina pelos selêucidas veio por intermédio de Antíoco III (o Grande) em 198 a.C. (10-19). Mais tarde, **um homem vil** (21), Antíoco IV, Epifânio, por meio de um subterfúgio, destituiu o herdeiro legítimo do trono e tomou o controle. Acredita-se que os versículos 21-35 se referem às tramas e tirania de Antíoco Epifânio. Com grande energia e astúcia ele rapidamente expandiu seu poder (21-24) e lançou operações militares contra seu vizinho, Ptolomeu VI, Filométor (25-28).

As perseguições e a tirania insana que Antíoco exerceu sobre os judeus e sua religião (29-35) o tornaram um dos monstros da história. Sua indignação **contra o santo con-**

certo (30), tirando o **contínuo sacrifício** e **estabelecendo a abominação desoladora** (31; a imagem de Zeus do Olimpo) no Templo são exemplos da sua fúria profana. Ele baniu todas as leis, costumes e cultos judaicos. Antíoco matou à espada as mães e crucificou os pais que circuncidavam seus filhos. Embora tenha queimado uma grande parte de Jerusalém, assassinado boa parte dos homens e escravizado mulheres e crianças, ele não conseguiu destruir a resistência. Embora muitos tenham apostatado e se submetido a Antíoco, outros ousaram resistir (32-35). Um exército de fiéis e corajosos judeus se reuniu sob o comando de Matatias para resistir ao exército de Antíoco.

Quando Matatias morreu, seu filho Judas ficou à frente do exército rebelde. Suas táticas de guerrilha (de ataques e fugas repentinos) tornaram-se famosas e lhe deram o nome de “Martelo” ou Macabeu. Em três anos os macabeus tinham dividido e derrotado os exércitos sírios de Antíoco e recapturado Jerusalém. O Templo foi restaurado, o altar purificado e a adoração restituída (em 25 de dezembro de 165 a.C.). Até o dia de hoje a Festa da Dedicção ou *Hanukkah* é observada pelos judeus, comemorando esse evento. A família dos macabeus, chamada Hasmoneana, tornou-se a reconhecida linhagem de governantes até que os romanos conquistaram a Palestina sob o comando de Pompeu, em 63 a.C.¹⁷

Em meio à escuridão do quadro profético amedrontador apresentado nesse capítulo, uma clara luz de fé e heroísmo começa a brilhar. **O povo que conhece ao seu Deus se esforçará e fará proezas** (32). Aqui é sugerido “Um Programa de Ação para uma Minoria Piedosa”. 1) Eles conhecem a **Deus**. 2) Eles são fortes. 3) Eles fazem **proezas**. Eles agem com um claro sentido de direção. 4) Sua batalha está no alto nível do espírito, uma batalha de idéias santas. Eles **ensinarão a muitos** (33). 5) Sua causa triunfa. **Para serem provados, e purificados, e embranquecidos, até ao fim do tempo** (35).

c) *O rei obstinado — o Anticristo* (11.36-45). Jerônimo deu uma dupla interpretação a essa parte (11.21-45): a primeira, em referência a Antíoco Epifânio, e a segunda, ao Anticristo.¹⁸ Mas muitos comentaristas conservadores, incluindo Young¹⁹ e Seiss,²⁰ entendem que os versículos 21-35 se referem de maneira apropriada a Antíoco e secundariamente ao Anticristo, e os versículos 36-45 devem referir-se a alguém maior, mais profano e ímpio do que Antíoco.

E esse rei fará conforme a sua vontade, e se levantará, e se engrandecerá sobre todo deus; e contra o Deus dos deuses falará coisas incríveis e será próspero (36). Aqui a figura clara de Antíoco começa a desvanecer no meio da escuridão e um aspecto disforme do Anticristo começa a tomar forma nas sombras do pano de fundo. Lembramo-nos das advertências de Paulo acerca do “homem do pecado” (2 Ts 2.3-4) e da visão de João acerca da “besta” (Ap 13.5-8). Vemos claramente refletido o “pequeno chifre” dos capítulos 7 e 8 de Daniel. Uma diferença interessante aparece quando comparamos os dois pequenos chifres com esse rei furioso do capítulo 11. Enquanto o pequeno chifre do capítulo 8 e o rei furioso do capítulo 11 estão relacionados ao terceiro reino da profecia de Daniel, a Grécia, o pequeno chifre do capítulo 7, surge do quarto reino, Roma. Talvez isso nos deve lembrar que o Anticristo vai procurar tomar para si toda a glória e poder do empreendimento humano e combinar a cultura da Grécia e a glória de Roma. Não nos deveria surpreender que o caráter culminante do mal buscará usurpar para si toda a bondade humana bem como a adoração divina.

Mas virá o seu fim (45). O poder e a fúria impressionantes do Anticristo estão destinados a um fim rápido. “Um tempo, e tempos, e metade de tempos” (7.25), a metade da semana (9.27), “um tempo, de tempos e metade de um tempo” (12.7) correspondem com Apocalipse 12.14 no sentido de que os dias do Anticristo estão contados pelo Todopoderoso. Paulo declara que “o Senhor desfará pelo assopro de sua boca e aniquilará pelo esplendor da sua vinda” esse “ímpio” (2 Ts 2.8). Então, embora arme **as tendas do seu palácio entre o mar grande e o monte santo**, ele verá o seu fim no “ardente lago de fogo e de enxofre” (Ap 19.20). No mesmo lugar onde o Anticristo firma sua posição, ali o Cristo de Deus descenderá em sua glória. “E o SENHOR sairá e pelejará contra estas nações, como pelejou no dia da batalha. E, naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém” (Zc 14.3-4; At 1.10-12).

d) *A Grande Tribulação e o Grande Triunfo* (12.1-3). **Haverá um tempo de angústia** (1). O reino do Anticristo está em toda parte nas Escrituras retratado como uma crise do mal. As palavras de Gabriel sucintamente o descrevem como um tempo “quando a rebelião dos ímpios tiver chegado ao máximo” (8.23, NVI). Um tema recorrente nas Escrituras é o ensino que um tempo de grande angústia será o clímax da era da rebeldia do homem contra Deus e conduzirá ao ponto culminante do Reino de Deus. Jeremias se refere ao “tempo da angústia para Jacó” (Jr 30.7). Jesus em seu discurso descreve esse tempo de angústia como “dias de vingança” (Lc 21.22) e “grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo [...] nem tampouco haverá jamais” (Mt 24.21; Mc 13.19-20). A interpretação futurista considera uma boa parte do livro de Apocalipse um retrato desse período, especialmente os capítulos 6—19.

Mas a Grande Tribulação traz consigo muito mais do que o clímax do mal; ela introduz o triunfo de Deus. Um dos aspectos importantes que o livro de Daniel ensina é que os poderes do mundo celestial estão profundamente interessados e engajados nos afazeres dos homens na terra. **E, naquele tempo, se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta pelos filhos do teu povo.** Esse é o arcanjo convocado para socorrer o Ser glorioso em 10.13. Vemos o clímax dramático em Apocalipse 12.7-8: “E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão; e batalhavam o dragão e os seus anjos, mas não prevaleceram”.

Fica claro que o povo de Israel está envolvido no clímax da história. Seguidas vezes encontramos em Daniel as seguintes expressões: **o teu povo** ou **os filhos do teu povo**. Ao mesmo tempo é necessário guardar uma perspectiva. Deus tem uma preocupação com toda a humanidade. Os eventos que marcam o clímax das eras são cósmicos; seu impacto é internacional e mundial. A Palestina é, sem dúvida, um estágio da ação divina. Mas toda a terra e os céus constituem a cena da operação final de Deus nessa era. O ponto para o qual a história está se movendo é a culminação do Reino de Deus.

E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão (2). Essa é a revelação mais clara da doutrina da ressurreição no Antigo Testamento. Ela nos lembra que é *Cristo* que “trouxe à luz a vida e a incorrupção” (2 Tm 1.10). Alguns intérpretes acreditam que a ressurreição mencionada aqui é uma ressurreição parcial relacionada somente aos judeus que morreram na tribulação. Calvino insiste em que esse estreitamento do escopo é injustificável. Para ele, esse texto ressalta o aspecto do mal e do bem, ou seja, alguns serão separados para a vida eterna e outros para vergonha e

condenação eterna. Ele entende que a palavra **muitos** significa “os muitos” ou “todos” e que aqui se tem em mente a ressurreição geral.²¹

Os sábios, pois, resplandecerão como o resplendor do firmamento [...] como as estrelas, sempre e eternamente (3). Esses sábios são abençoados com a “sabedoria que vem do alto” (Tg 3.17). A palavra **sábios** (*chappim*), usada mais frequentemente em Daniel (14 vezes), significa aqueles que possuem a sabedoria humana, ou seja, os magos. Nesse texto é usado *hamaskkilim*, palavra que vem da raiz *sakal*, que significa ser prudente, inteligente, ter entendimento, ensinar. Por isso, lemos na nota de rodapé da KJV: “aqueles que ensinam”. D. L. Moody disse: “Não são os grandes desse mundo que brilharão mais. Sabemos muito pouco a respeito de Nabucodonosor e outros reis, exceto pelo fato de preencherem a história desses humildes homens de Deus [...] Mas os homens de Deus resplandecem [...] Já passaram mais de 2.500 anos desde a época de Daniel, mas milhões de pessoas continuam lendo acerca da sua vida e ações. E assim será até o fim. Ele será mais conhecido e mais amado; ele resplandecerá mais à medida que o mundo envelhece”.²²

3. A Conclusão da Missão Profética de Daniel (12.4-13)

a) *Características dos últimos dias* (12.4). A mensagem final do glorioso Mensageiro a Daniel foi: **fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo** (4). Que as palavras foram fechadas e o livro está selado fica evidente pela imensa confusão que tem caracterizado a interpretação desse livro nesses mais de dois milênios. Adam Clarke escreve: “A profecia não será entendida até que seja cumprida. Então, a profundidade da sabedoria e da providência de Deus sobre essas questões será claramente percebida”.²³

Mas, fechar o livro não significa o fim das coisas. Haverá um tempo de intensa atividade na área de transporte, educação e comunicação. Então, esses acontecimentos do fim compelirão os sábios a procurar uma sabedoria mais profunda acerca da revelação deste livro. Dificilmente podemos evitar em identificar a breve descrição de Daniel com os nossos dias. **Muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará.** O transporte de massas e a velocidade são marcas da nossa era. A mobilidade ininterrupta dos povos do mundo, a comunicação de massa quase instantânea, a demanda insistente e universal por educação pelas massas, são características dos nossos tempos.

b) *Quanto tempo durará?* (12.5-13). Enquanto Daniel estava parado **à beira do rio** (5, Tigre, veja mapa 1), ele recebeu uma mensagem final concernente aos mistérios que tinha visto. Completamente consciente, ele estava vendo além do véu da visão humana. O mesmo Ser glorioso, **vestido de linho** (7), que havia aparecido no início dessa manifestação, estava presente para confortá-lo e dar entendimento. Young diz: “A descrição parece indicar que a Pessoa Majestosa aqui presente não é outro senão o próprio Senhor. A revelação, portanto, é uma teofania, uma aparição pré-encarnada do Filho Eterno”.²⁴

Um anjo disse ao outro: **Que tempo haverá até ao fim das maravilhas?** (6). O Ser glorioso respondeu com suas mãos levantadas para o **céu** (7) em um gesto dramático de afirmação solene. O Filho Eterno estava jurando em nome do Deus vivo e verdadeiro que os tempos estavam nas mãos de Deus. Eles estavam determinados para **um tempo, de tempos e metade de um tempo, e quando tiverem acabado de destruir o**

poder do povo santo, todas essas coisas serão cumpridas. A NVI traduz essa frase da seguinte maneira: “Quando o poder do povo santo for finalmente quebrado, todas essas coisas se cumprirão”. Quando “os tempos dos gentios” forem cumpridos, o esmagamento de Jerusalém e a quebra do povo da aliança de Deus cessarão. Isso será cumprido no julgamento do Anticristo, conforme foi discutido anteriormente.

Daniel continuava intrigado, impulsionado por uma curiosidade santa que o caracterizava desde sua mocidade. Mas Deus não deu um conhecimento perfeito ao seu servo — por ora. Os **mil duzentos e noventa dias** (11), além dos 45 dias do versículo 12, são uma repetição de **tempo, de tempos e metade de um tempo** (7). Eles são a garantia de Deus de que o tempo de desolação é limitado pelo decreto de Deus. Daniel precisa contentar-se com isso. **Estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim** (9). Deus fará sua obra entre os homens. **Muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados [...] os ímpios procederão impiamente [...] mas os sábios entenderão** (10). Aqueles que confiam em Deus não devem se preocupar. “Da-quele Dia e hora ninguém sabe” (Mt 24.36), mas no tempo apropriado de Deus, o significado ficará claro. **Bem-aventurado o que espera** (12).

Assim, veio a palavra a Daniel: **vai até ao fim; porque repousarás e estarás na tua sorte, no fim dos dias** (13; cf. v. 9).

Adam Clarke apresenta uma palavra confortadora: “Temos aqui um conselho apropriado para cada pessoa. 1) Você tem um *caminho* — um *caminho na vida*, que Deus determinou para você; *ande neste caminho*; este é o *seu caminho*. 2) Haverá um *fim* para você de todas as coisas terrenas. A morte está diante da porta e a eternidade está muito próxima; *vá até o fim* — seja fiel até a morte. 3) Há um *descanso* preparado para o povo de Deus. *Você descansará*; seu corpo no túmulo; sua alma no favor divino aqui e, finalmente, no paraíso. 4) Como na Terra Prometida, havia *muito* para cada pessoa do povo de Deus, assim haverá *muito* para *você*. Não se feche para essa promessa, não a negocie, não permita que o inimigo a *roube* de você. Esteja determinado a *se levantar para receber a herança, no fim dos dias*. Cuide para guardar a fé; morra no Senhor Jesus, para que você possa ressuscitar e reinar com Ele por toda a eternidade”.²⁵

Alexander Maclaren sugere uma Mensagem para o Ano Novo com os seguintes pensamentos do versículo 13: 1) A Jornada — **Vai** (“siga o seu caminho”, NVI). 2) O Lugar de Descanso do Peregrino — **porque descansarás**. 3) O Lar Final — **estarás na tua sorte, no fim dos dias**.²⁶

Daniel recebeu a clara confirmação da sua esperança em relação à imortalidade. Séculos, e até milênios, passariam antes do seu cumprimento integral. Mas no **fim dos dias**, quando a consumação chegar, Daniel estará lá reunido com as multidões dos redimidos da terra e do céu. Então ele será, não um espectador de visões, mas um participante dos tremendos acontecimentos na introdução da plena glória do Reino de Deus. No arrebatamento ele observará a glória, a sabedoria e a honra Daquele que desde o princípio determinou o cumprimento da história do Reino de Deus. Ele participará do grande “Aleluia” dos redimidos. Então os “reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo. E ele reinará para todo o sempre” (Ap 11.15).

Notas

INTRODUÇÃO

- ¹ Henry George Liddel and Robert Scott, *A Greek-English Lexicon*. Revisado em 1940 (Londres: Oxford University Press, 1951), p. 201.
- ² Entre esses apocalipses, freqüentemente chamados de pseudepígrafes, estão 1 e 2 Enoque, O Livro de Noé, O Testamento dos Doze Patriarcas, Assunção de Moisés, Apocalipse de Baruque, Apocalipse de Abraão, Apocalipse de Elias, Testamento de Jó, Oráculos Sibilinos, Apocalipse de Pedro, Apocalipse de Paulo, Apocalipse de Bartolomeu e muitos outros.
- ³ *Daniel the Prophet* (Nova York: Funk and Wagnalls, 1885), pp. 308-310.
- ⁴ *The Prophecy of Daniel* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949), *ad loc.*
- ⁵ Harold H. Rowley, *Jewish Apocalyptic and the Dead Sea Scrolls* (Londres: Athlone Press, University of London, 1957), pp. 17, 23; Miller Burrows, *The Dead Sea Scrolls* (New Haven: American Schools of Oriental Research, 1950), pp. 28, 63.

SEÇÃO II

- ¹ “The Book of the Prophet Daniel”, *Biblical Commentary on the Old Testament*, C. F. Keil and F. Delitzsch, traduzido por M. G. Easton (Edimburgo: T. and T. Clark, 1862), pp. 89-90.
- ² *Voices from Babylon* (Filadélfia: The Castle Press, 1879), pp. 96-105.
- ³ *Ibid.*, p. 342.
- ⁴ *Op. cit.*, pp. 131-132.
- ⁵ *Op. cit.*, p. 138.
- ⁶ *Ibid.*, pp. 149-151.
- ⁷ R. P. Dougherty, *Nabonidus and Belshazzar* (New Haven: Yale University Press, 1929), pp. 42-27, 59-66, 134, 192-200.
- ⁸ Seiss, *op. cit.*, p. 141.
- ⁹ *Ibid.*, pp. 141ss.
- ¹⁰ Keil, *op. cit.*, p. 185.
- ¹¹ R. P. Dougherty, *op. cit.*, p. 94.
- ¹² *Op. cit.*, p. 139ss.
- ¹³ *Antiquities of the Jews*, Book X. 11. p. 4.
- ¹⁴ *Darius the Mede* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959), pp. 66ss.
- ¹⁵ *The Book of Daniel*, (Los Angeles: Bible House of Los Angeles, 1943), pp. 97-98.
- ¹⁶ Keil apóia essa interpretação e cita Hofmann, Ebrard e Kliefoth que concordam com essa posição; *op. cit.*, p. 226.
- ¹⁷ E. B. Pusey, *op. cit.*, pp. 123-125.
- ¹⁸ ANVI traduz: “tronos foram colocados” em vez de: “tronos foram lançados para baixo” (cf. KJV).
- ¹⁹ *The Oxford Annotated Bible*, ed. Herbert G. May and Bruce M. Metzger (Nova York: Oxford University Press, 1962), p. 1078.
- ²⁰ E. J. Young, *The Messianic Prophecies of Daniel* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954), pp. 17.

- ²¹ E. J. Young, *The Prophecy of Daniel* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949), pp. 293-294.
- ²² *Commentary on Daniel*, traduzido por Gleason L. Archer (Grand Rapids: Baker Book House, 1938), p. 129.
- ²³ C. F. Keil, *op. cit.*, p. 241.
- ²⁴ Arno C. Gaebelein, *The Harmony of the Prophetic Word* (Nova York: Fleming H. Revell Co., 1907, p. 70.
- ²⁵ E. J. Young, *The Messianic Prophecies of Daniel*, p. 30.
- ²⁶ *Ibid.*, pp. 31ss.
- ²⁷ Keil, *op. cit.*, pp. 269-270; E. J. Young, *The Messianic Prophecies of Daniel*, pp. 27-28.
- ²⁸ Young, *ibid.*, pp. 40-41.

SEÇÃO III

- ¹ *Op. cit.*, p. 283.
- ² *Ibid.*, p. 291.
- ³ *Ibid.*
- ⁴ *Commentary on Daniel*, traduzido por Gleason L. Archer, *op. cit.*, p. 86.
- ⁵ Veja uma discussão interessante do lugar dos anjos no plano divino em Arno C. Gaebelein, *Gabriel and Michael the Archangel* (Nova York: Our Hope Publications, 1945).
- ⁶ Jerônimo, *op. cit.*, p. 63.
- ⁷ *Commentaries on the Book of Daniel*, vol. II, traduzido por Thomas Myers (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948 [reedição]), pp. 137-138.
- ⁸ *Op. cit.*, p. 349.
- ⁹ E. J. Young, *The Prophecy of Daniel*, pp. 192-194.
- ¹⁰ *Op. cit.*, pp. 95-96.
- ¹¹ *Op. cit.*, pp. 212-213.
- ¹² E. J. Young, *The Messianic Prophecies of Daniel*, pp. 56, 82.
- ¹³ *Op. cit.*, p. 400.
- ¹⁴ *Op. cit.*, pp. 184ss.
- ¹⁵ *Op. cit.*, pp. 402-403.
- ¹⁶ C. F. Keil identifica o Ser que apareceu a Daniel como O Anjo de Javé, o divino Logos, e alude a Apocalipse 1.13 (*op. cit.*, p. 410).
- ¹⁷ A tradução na versão *Berkeley*, junto com as notas de rodapé, será de grande ajuda na compreensão desse texto (11.5-35).
- ¹⁸ *Op. cit.*, pp. 129-131.
- ¹⁹ *The Prophecy of Daniel*, p. 241.
- ²⁰ *Op. cit.*, pp. 279-286.
- ²¹ *Op. cit.*, II, p. 374.
- ²² *Daniel the Prophet* (Nova York: Fleming H. Revell Co., s.d.), p. 58.

- ²³ *A Commentary and Critical Notes* (Nashville: Abingdon Press, s.d.), vol. IV, p. 618.
- ²⁴ *The Prophecy of Daniel*, pp. 225, 258.
- ²⁵ *Op. cit.*, vol. IV, p. 619.
- ²⁶ *Expositions of Holy Scripture* (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1938), vol. IV, pp. 84-93.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- BARR, James P. "Daniel", *Peake's Commentary on the Bible*. Ed. Mateus Black e H. H. Rowley. Nova York: Nelson and Sons, 1962.
- CALVIN, John. *Commentaries on the Book of Daniel*. 2 volumes. Trad. Thomas Myers. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948.
- CLARKE, Adam. "The Book of the Prophet Daniel", *A Commentary and Critical Notes*, Vol. IV. Nova York: Abingdon Press, s. d.
- DAVIES, G. Henton; RICHARDSON, Alan; WALLIS, Charles (editores). *The Twentieth Century Bible Commentary*. Nova York: Harper and Brothers, 1955.
- DRIVER, S. R. *The Book of Daniel*, "Cambridge Bible for Schools and Colleges". Editado por A. F. Kirkpatrick. Cambridge: Cambridge University Press, 1900.
- FARRAR, F. W. *The Book of Daniel*, "The Expositor's Bible". Ed. W. Robertson Nicoll. Nova York: Funk and Wagnalls, 1900.
- FAUSSET, A. R. "The Book of Daniel", *Critical and Experimental Commentary*, Vol. IV, por Robert Jamieson, A. R. Fausset, David Zrown. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948.
- HEATON, E. W. "Daniel", *The Twentieth Century Bible Commentary*. Ed. G. Henton Davies, Alan Richardson. Charles L. Wallis. Nova York: Harper and Brothers, 1956.
- JEFFERY, Arthur. "The Book of Daniel" (Introduction, Exegesis). *The Interpreter's Bible*. Ed. G. A. Buttrick, et al., vol. VI. Nova York: Abingdon Press, 1956.
- JERÔNIMO. *Commentary on Daniel*. Traduzido por Gleason L. Archer. Grand Rapids: Baker Book House, 1958.
- KEIL, C. F. "The Book of the Prophet Daniel", *Biblical Commentary on the Old Testament*. Por C. F. Keil e F. Delitzsch. Trad. M. G. Easton. Edimburgo: T. and T. Clark, 1872.
- KENNEDY, Gerald. "The Book of Daniel" (Exposição). *The Interpreter's Bible*. Ed. George A. Buttrick, et al., vol. VI. Nova York: Abingdon Press, 1956.
- MACLAREN, Alexander, *Exposition of Holy Scripture*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1938.
- MONTGOMERY, James A. *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel*. "The International Critical Commentary". Ed. Samuel S. Driver, et al. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1927.
- YOUNG, Edward J. "Daniel", *The New Bible Commentary*. Ed. Francis Davidson, Alan M. Stibbs, Ernest F. Kevan. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1963.

YOUNG, G. Douglas. "Daniel", *The Biblical Expositor*. Ed. Carl F. H. Henry, vol. II. Filadélfia: The Holman Co., 1960.

ZOCKLER, O. "The Prophet Daniel", *Commentary on the Holy Scriptures*. Ed. John Lange. Trad. e ed. Philip Schaff. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1915.

II. OUTROS LIVROS

BURROWS, Miller, (ed.). *The Dead Sea Scrolls of St. Mark's Monastery*. New Haven: American Schools of Oriental Research, 1950.

_____. *More Light on the Dead Sea Scrolls*. Nova York: Viking Press, 1953.

CHAPMAN, James B. *The Second Coming of Christ*. Kansas City: Nazarene Publishing House, s. d. Dougherty, Raymond Phillip. *Nabonidus and Belshazzar*. New Haven: Yale University Press, 1929.

GAEBELEIN, Arno C. *Gabriel and Michael the Archangel*. Nova York: Our Hope Publications, 1945.

_____. *The Harmony of the Prophetic Word*. Nova York: Fleming H. Revell Co., 1907.

_____. *The Prophet Daniel*. Grand Rapids: Kregel Publications, 1955.

JOSEPHUS, Flavius. *The Works of Flavius Josephus*. Trad. William Whiston. Filadélfia: J. P. Lippencott and Co., 1895.

LIDDEL, Henry George e SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexikon*. Rev., 1940. Londres: Oxford University Press, 1951.

MOODY, Dwight L. *Daniel the Prophet*. Chicago: Fleming H. Revell Co., 1884.

Oxford Annotated Bible, The. Ed. Herbert G. May e Bruce M. Metzger. Nova York: Oxford University Press, 1962.

PUSEY, Edward B. *Daniel the Prophet*. Nova York: Funk and Wagnalls Co., 1885.

ROWLEY, Harold H. *Jewish Apocalyptic and the Dead Sea Scrolls*. Londres: Athlone Press, 1957.

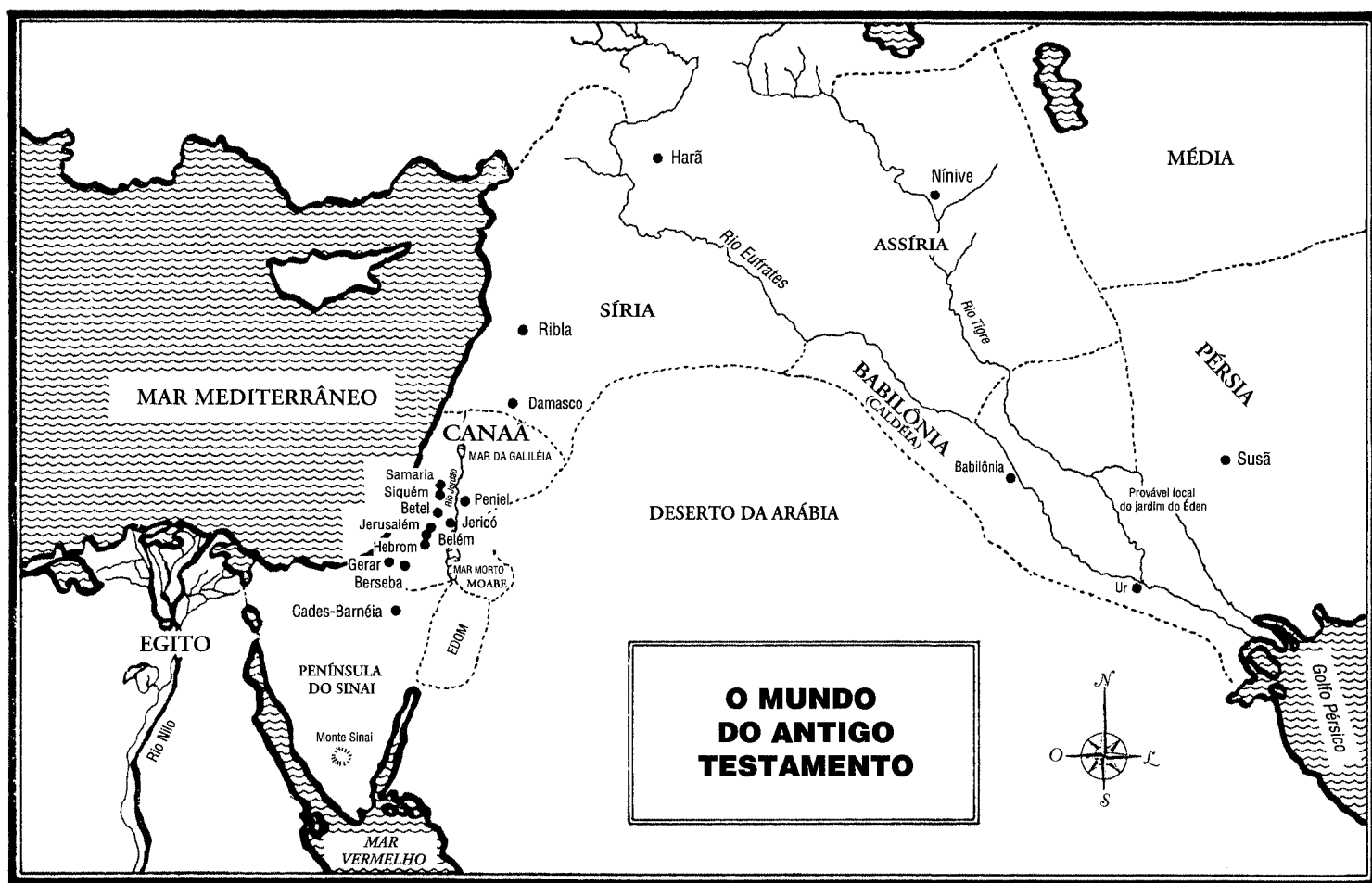
SEISS, Joseph A. *Voices from Babylon*. Filadélfia: The Castle Press, 1879.

STEVENS, W. C. *The Book of Daniel*. Los Angeles: Bible House of Los Angeles, 1943.

WHITCOMB, John C. Jr. *Darius the Mede*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959.

YOUNG, Edward J. *The Prophecy of Daniel*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949.

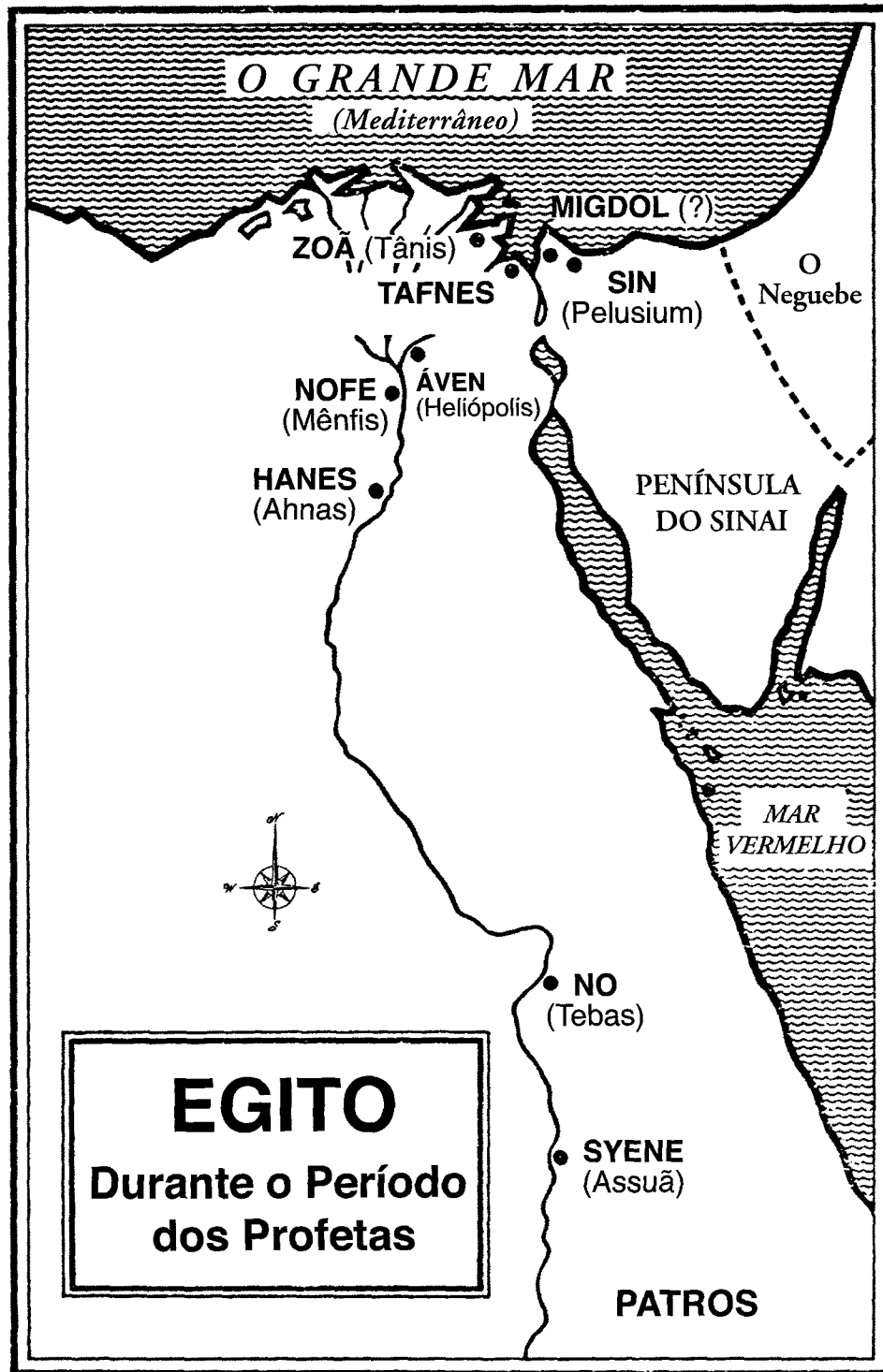
_____. *The Messianic Prophecies of Daniel*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1954.



Mapa 2



Mapa 3



Quadro A
QUADRO DO PERÍODO DA MONARQUIA
DE 1010 A 586 a.C.

DAVI (1010-971)
SALOMÃO (971-931)
DIVISÃO (931)

ISRAEL (Reino do Norte)

JUDÁ (Reino do Sul)

Regentes	Co-regências	Regentes	Co-regências
JEROBOÃO 931-910		ROBOÃO 931-913	
NADABE 910-909		ABIAS 913-911	
BAASA 909-886		ASA 911-870	
ELA 886-885			
ZINRI 885			
TIBNI 885-880	885-880		
ONRI 885-874	885-880		
ACABE 874-853		JOSAFÁ 870-848	873-870
ACAZIAS 853-852			
JEORÃO 852-841		JORÃO 848-841	853-848
JEÚ 841-814		ACAZIAS 841	
JEOACAZ 814-798		ATÁLIA 841-835	
		JOÁS 835-796	
JEOÁS 798-782		AMAZIAS 796-767	
JEROBOÃO II ... 782-753	793-782	AZARIAS (Uzias) 767-740	791-767
ZACARIAS 753-752			
SALUM 752			
MANAÉM 752-742			
PECAÍAS 742-740			
PECA 740-732		JOTÃO 740-732	750-740
OSÉIAS 732-733, 722		ACAZ 732-716	
		EZEQUIAS 716-687	729-716
		MANASSÉS 687-642	696-687
		AMOM 642-640	
		JOSIAS 640-608	
		JOACAZ 608	
		JEOAQUIM 608-597	
		JOAQUIM 597	
		ZEDEQUIAS 597-586	

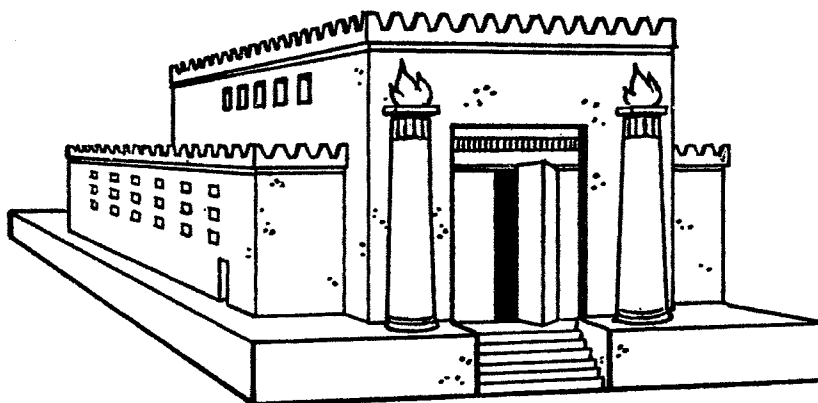
Período do Exílio: O Cativoiro (606-536 a.C.)

- 605-561 Nabucodonosor na Babilônia
 608-597 Jeoaquim, Rei de Judá (2 Reis 23.34-24.6)
 Vassalo do Egito
 Vassalo da Babilônia
 606 Primeiro Cativoiro - Daniel (2 Reis 24.1; Daniel 1.1-2.6)
 600 Rebelião contra a Babilônia
 597 Joaquim, Rei de Judá (2 Reis 24.8-17)
 Jerusalém Sitiada
 Segundo Cativoiro 10.000
 Incluindo Joaquim e Ezequiel
 597-586 Zedequias, Rei de Judá (2 Reis 24.18-25.21)
 592-570 Profecias de Ezequiel
 588 Revolta contra a Babilônia
 586 Jerusalém é Destruída
 Terceiro Cativoiro
 585 Profecias de Obadias
 555 Gedalias é Assassinado (Jeremias 40-44)
 Jeremias vai para o Egito (Jeremias 42-44)
 550-535 Profecias de Daniel
 538 Queda da Babilônia (Daniel 5)

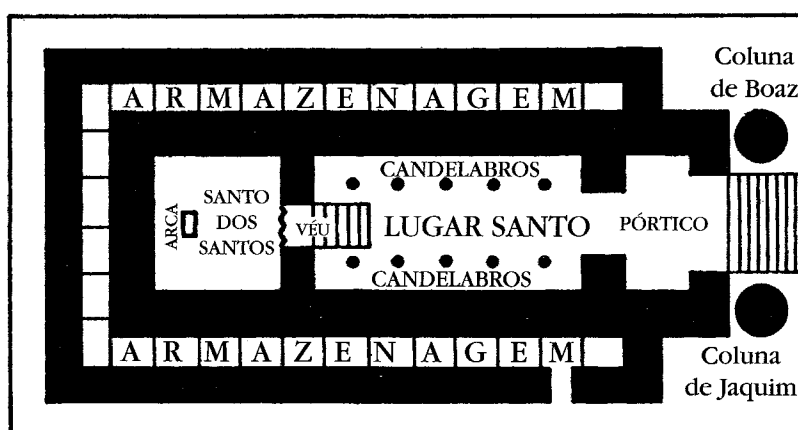
Período Pós-Exílio: O Retorno (536-400 a.C.)

- 539-530 Ciro da Pérsia (Is 44.26; 45.1; 2 Cr 36.22; Esdras 1.1)
 537 Decreto do Retorno (Esdras 1.1-4)
 536 Primeiro Retorno - Zorobabel (Esdras 1.4-2.67)
 O início da reconstrução (Esdras 2.68-3.13)
 Os impecilhos dos samaritanos (Esdras 4.1-24)
 522-486 Dario da Pérsia (Esdras 4.24; 6.1; Ageu 1.1; Zacarias 1.1)
 520 Ageu e Zacarias (Esdras 5; Ageu; Zacarias)
 516 Reconstrução e Dedicação do Templo (Esdras 6)
 485-465 Assuero (Xerxes da Pérsia) (Ester 1.1)
 Ester e Mardoqueu (Livro de Ester)
 458 Segundo Retorno - Esdras (Esdras 7-8)
 Reformas de Jerusalém (Esdras 9-10)
 450-430 Profecias de Malaquias
 444 Terceiro Retorno - Neemias (Neemias 1.1-2.8)
 Reconstrução do Muro (Neemias 2.9-6.19)
 Instrução na Lei (Neemias 8-10)
 432 Neemias Volta a Jerusalém (Neemias 13)
 As medidas reformistas
 Período Intertestamentário

Quadro C



Reconstrução do Templo de Salomão (de Stevens-Wright):



Planta Baixa do Templo (*adaptada de Watzinger*)

Autores deste volume

ROSS E. PRICE

Professor de Teologia em Pasadena College, Pasadena, Califórnia. A.B., Northwest Nazarene College; M.A., B.D., Pasadena College; M.Th., McCormick Theological Seminary; Ph.D., University of Southern Califórnia; D.D., Pasadena College.

C. PAUL GRAY

Presidente da Divisão de Filosofia e Religião, Pasadena College, Pasadena, Califórnia. Th.B., Bethany Nazarene College; M.A., Pasadena College; B.D., Ph.D., Vanderbilt University.

J. KENNETH GRIDER

Professor de Teologia no Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Missouri. Th.B., A.B., Olivet Nazarene College; B.D., Nazarene Theological Seminary; B.D., M.A., Drew University; Ph.D., Glasgow University, Escócia.

ROY E. SWIM

Editor Associado de Periódicos para Escolas de Igrejas e Diretor de Obras Infantis, Departamento de Escolas de Igrejas, Igreja do Nazareno. Conferencista de Educação Religiosa no Nazarene Theological Seminary. A.B., Northwest Nazarene College; B.D., Central Baptist Theological Seminary; D.D., Northwest Nazarene College; Doutorado no Central Baptist Theological Seminary.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Em Dez Volumes

Volume I. Gênesis; Êxodo; Levítico; Números; Deuteronômio

Volume II. Josué; Juízes; Rute; 1 e 2 Samuel; 1 e 2 Reis; 1 e 2 Crônicas; Esdras; Neemias; Ester

Volume III. Jó; Salmos; Provérbios; Eclesiastes; Cantares de Salomão

Volume IV. Isaías; Jeremias; Lamentações de Jeremias; Ezequiel; Daniel

Volume V. Oséias; Joel; Amós; Obadias; Jonas; Miquéias; Naum; Habacuque; Sofonias; Ageu;
Zacarias; Malaquias

Volume VI. Mateus; Marcos; Lucas

Volume VII. João; Atos

Volume VIII. Romanos; 1 e 2 Coríntios

Volume IX. Gálatas; Efésios; Filipenses; Colossenses; 1 e 2 Tessalonicenses; 1 e 2 Timóteo; Tito;
Filemom

Volume X. Hebreus; Tiago; 1 e 2 Pedro; 1, 2 e 3 João; Judas; Apocalipse

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

4

Isaías a Daniel

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

Ross E. Price
C. Paul Gray
J. Kenneth Grider
Roy E. Swini

ISBN 85-263-0688-X



9 788526 306882